



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

GILMAR FERREIRA DA COSTA

**O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA NA OBRA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: ANALISANDO *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

GILMAR FERREIRA DA COSTA

**O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA NA OBRA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: ANALISANDO *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

C872p

Costa, Gilmar Ferreira da.

O protagonismo da mulher negra na obra de Conceição Evaristo : analisando Insubmissas lágrimas de mulheres / Gilmar Ferreira da Costa. - 2022.

68 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano.

1. Negras - Brasil - História. 2. Negras - Na comunicação de massa. I. Evaristo, Conceição, 1946- . II. Insubmissas lágrimas de mulheres - Crítica e interpretação. III. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 869.09

GILMAR FERREIRA DA COSTA

**O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA NA OBRA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO: ANALISANDO *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 09 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Lilian Paula Serra e Deus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Vania Maria Ferreira Vasconcelos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico este trabalho a minha avó Honorina Felix da Costa, mulher negra, insubmissa, que jamais se deixou silenciar na vida. Das dificuldades fez oportunidades para si e para tantos/as filhos/as que não gerou, mas foi mãe provedora de amor.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio de sempre, por acreditar em mim e em minha dedicação à educação que eu entendo como força motriz da sociedade e transformadora de vidas. Minha mãe, Judite, pelo incentivo à distância, mas com corações entrelaçados sempre estamos. Meu pai, Emmanoel e Vó Honorina que emanam da espiritualidade incentivo e força para eu continuar sempre andando. Aos irmãos, irmãs e sobrinhos/as que acreditam que posso ir cada vez mais longe. Ao cunhado, Marcus Morais, pelo apoio e caráter inspirador de sempre.

A meu orientador, Igor Ximenes Graciano, que desde o início da graduação tem minha admiração por sua grandeza intelectual e compromisso com o conhecimento e construção do saber.

Aos professores do curso de Letras que com suas posições educacionais críticas e politizada contribuíram de maneira significativa para minha formação profissional. Às professoras Lilian Paula Serra e Deus e Vânia Vasconcelos pela apresentação de uma literatura encantada, subversiva e transgressora.

Aos colegas brasileiros e africanos que juntos trocamos saberes, experiências e divergências intelectuais, mas que foram de suma importância para nossa formação.

Aos colegas de trabalho e amigos(as)/irmãos(ãs) torcedores/as da arquibancada da vida que sempre estiveram por perto ou conectados nas redes sociais oferecendo o ombro e ouvidos nos momentos de incertezas e inseguranças.

Saudações e gratidão por tudo!

RESUMO

Através da escrivência de Conceição Evaristo e de seu livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a presente monografia aborda a condição da mulher negra ao longo da história de silenciamento feminino imposto principalmente à população negra. O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro trata da mulher negra na história do Brasil, buscando apresentar um panorama histórico da vida da mulher negra desde o traslado forçado do solo africano e suas reverberações na contemporaneidade; no segundo capítulo analisamos a representação da mulher na literatura e na mídia, em que o foco é na imagem construída da mulher negra enquanto personagem social; e no terceiro e último capítulo realizamos a análise do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, representando um instrumento e palco do protagonismo feminino negro em prol de uma humanização dentro da literatura de resistência de Evaristo.

Palavras-chave: Evaristo, Conceição, 1946- . Insubmissas lágrimas de mulheres - Crítica e interpretação. Negras - Brasil - História. Negras - Na comunicação de massa.

ABSTRACT

Through the writing of Conceição Evaristo and her book *Insubmissas lágrimas de mulheres*, this monograph addresses the condition of black women throughout the history of female silencing imposed mainly on the black population. The work is divided into three chapters: the first deals with black women in the history of Brazil, seeking to present a historical overview of the life of black women since the forced transfer of African soil and its reverberations in contemporary times; in the second chapter we analyze the representation of women in literature and in the media, here the focus is on the constructed image of the black woman as a social character and in the third and final chapter we analyze the book *Insubmissas lágrimas de mulheres*, representing an instrument and stage of protagonism black feminine in favor of a humanization within Evaristo's resistance literature.

Keywords: Black women - Brazil - History. Black women - In mass communication. Evaristo, Conceição, 1946- . Unsubmissive tears of women - Criticism and interpretation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CAPÍTULO I	12
2.1	UM BREVE OLHAR SOBRE A MULHER NEGRA NA HISTÓRIA DO BRASIL	12
2.2	A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA HOJE	17
3	CAPÍTULO II	
3.1	A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA E NA MÍDIA	22
3.2	REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA A PARTIR DA ESCRITA LITERÁRIA DE MULHERES NEGRAS	28
4	CAPÍTULO III	34
4.1	<i>INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES</i> EM ANÁLISE	34
4.2	OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE <i>INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES</i>	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	Referências	67

1 INTRODUÇÃO

Nossa história, a história do povo negro, está marcada vergonhosamente por um silenciamento compulsório que atravessa alguns séculos de nossas andanças enquanto seres humanos iguais em natureza. É lamentável que alguns irmãos nossos de epiderme clara, com poder econômico e uma mentalidade voltada à espoliação e exploração de outros humanos não reconheçam essa igualdade que diferem deles apenas pela coloração da pele, nós homens e mulheres negros/as e tenham praticado a escravização de pessoas negras por séculos.

Quando voltamos nosso olhar para nossa história, percebemos que até aqui andamos muito pouco no caminho da evolução e desenvolvimento humano. Voltamos nosso olhar para trás e vemos homens e mulheres serem trucidados/as em prol de uma ascensão econômica de determinados indivíduos. Continuamos olhando com mais minúcia e notamos tais indivíduos exploradores da vida alheia, silenciando indivíduos com raptos e translados para outras terras longínquas diferentes das suas; praticando violências físicas (usando chicotes, grilhões, ferro quente, facas, espadas, máscaras de ferro, tronco, açoite, palmatórias, castração, estupros, mortes, etc.) e violências psicológicas (apagamento de nomes com batismos salvacionistas enganosos de almas, separação entre os conhecidos, inferiorização do indivíduo e sua negação como ser humano, desvalorização de culturas e identidades, silenciamento coletivo, etc.). São ações aviltantes da condição humana praticadas por alguns de nós contra nós mesmos, seres tidos como racionais, evoluídos.

Mas, diante de tanta tirania, temos a resistência daqueles homens e mulheres fortes, inteligentes, sábios e confiantes em si e no poder da união entre seus iguais para buscarem o direito de liberdade próprio do ser humano. As violências sofridas deixam suas cicatrizes, mas não são capazes de exterminar um povo e seu histórico de luta. Resistência é uma força motriz que alimenta um povo guerreiro, nós, o povo negro, que trazemos em nosso ser, além de outras proezas, o poder de resistir com sagacidade às intempéries da vida.

Diante disso, a problemática do silenciamento e seus efeitos em nossas vidas, enquanto povo negro, merece nossa atenção e estudos, mas o mais importante não é o silenciamento em si e sim os caminhos criados por nós e por iguais a nós para que esse silêncio imposto seja quebrado e nossa voz seja ecoada. Por isso é que esse trabalho nasce com o intuito de trazer à baila, em especial, vozes femininas protagonistas de suas vidas e que têm papel fulcral no desenvolvimento social. Vozes que ecoam liberdade e incentivam outras vozes a ressoarem por todos os cantos. Como objeto de estudo temos a obra de Conceição Evaristo, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, que nos oferece treze contos os quais são

externados por uma narradora, enquanto voz ficcional criada pela autora, que se utiliza da escrevivência para construir uma narrativa ressignificada e que serve de meio para que mulheres negras ecoem suas vozes como donas de seus destinos, senhoras de si e da palavra. A narradora criada por Evaristo, ao ouvir suas parceiras no intento de conhecer suas histórias, não se coloca como uma juíza a julgar determinado acontecimento, mas, sabendo de sua condição de mulher negra e de resistência, ouvindo uma igual, sabe que a sororidade se faz necessária, de maneira que é assim que *Insubmissas lágrimas de mulheres* se impõe necessária como instrumento vocalizador de sonhos, de vidas e de humanização de pessoas historicamente marginalizadas e colocadas nos porões da história. É de fato uma literatura de resistência, uma escrita negra feita por mãos e vozes negras.

O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro intitulado “A mulher negra e a história do Brasil” – breve olhar sobre o processo de escravidão e suas marcas, falamos da transferência forçada de homens e mulheres de solo africano para as Américas, os desafios encontrados pelas mulheres para sobreviverem, os castigos e opressões sofridos. Discutimos ainda sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira hoje elencando os efeitos da escravidão em suas vidas e interferências na vida social nos dias atuais.

No segundo capítulo, “A representação da mulher na literatura e na mídia”, a dedicação é para o entendimento de como a mulher é retratada dentro da literatura e mídia. Também é tratada da questão da representação da mulher negra a partir da escrita literária de escritoras negras. Nesta parte Evaristo já aparece por meio do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, presente em seu livro *Olhos d’água* e o poema “Vozes-mulheres”, tirado do livro *Poemas de recordação e outros movimentos*. A discussão sobre o perfil das personagens na literatura fica por conta dos resultados da pesquisa de Regina Dalcastagnè que traz uma abordagem forte e contundente sobre a realidade brasileira figurada no romance.

Finalizando o trabalho, temos o terceiro e último capítulo, onde fazemos a análise do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, no intuito de mostrar falas femininas insubmissas representadas em determinados períodos de suas vidas, desafiadores e doloridos, mas que através da resiliência e da transformação pessoal ressignificaram suas dores, mostrando-se enquanto mulheres resolutas de forte ancestralidade e determinação. Por fim, as considerações finais são apresentadas para a conclusão deste trabalho.

2 CAPÍTULO I

2.1 UM BREVE OLHAR SOBRE A MULHER NEGRA NA HISTÓRIA DO BRASIL

Partindo de uma perspectiva histórica sobre a formação política e sociocultural do nosso país, logo da sociedade na qual estamos inseridos, abordaremos aqui alguns elementos sociais que fazem parte da nossa história e nos ajudam a compreendê-la. Mas vale ressaltar que será abordada a condição da mulher negra, matriarca, trabalhadora, arrimo de família, que por falta de oportunidades e políticas públicas efetivas voltadas às populações menos favorecidas, não teve acesso à escolarização e melhores condições de vida, ficando relegadas à condição subumana e com dificuldades diversas.

Quando nos debruçamos sobre a história, em especial a respeito do povo preto, notamos que a vida nunca foi fácil e que as mulheres sempre tiveram um papel muito especial e importante. Quando lembramos do período em que homens e mulheres eram arrancados de suas terras, de suas raízes ancestrais e de sua cultura e famílias, sendo comercializados como uma mera mercadoria e sem valor humano algum, o sentimento é de profundo pesar diante da capacidade nociva que nós, seres humanos, temos em sermos algozes de nossos pares, de nossos irmãos e irmãs em nome de um poder mercantil alimentado desde sempre.

Ainda sobre esse traslado forçado, aviltante da condição humana, assassino de sonhos e vidas, muito sangue derramou em prol do progresso de nações europeias, quando a usurpação de suas forças físicas causou transtornos psicológicos irreversíveis na população negra africana que fora sequestrada. Transportados em navios nebulosos sem condição digna e por períodos longos, homens e mulheres tiveram suas vidas subjugadas, já que eram considerados animais. Relatos existem que muitas mulheres, arrancadas de suas terras, traziam em seus ventres crianças pródigas, mas que em nome de sua felicidade, dignidade e não sofrimento, as mães, com seu saber e proteção naturais, decidiam por lançarem-se ao mar revolto, alforriando-se e também a seus filhos em um ato de libertação e poder de decisão radical diante dos que se colocam como donos de suas vontades e destinos. Neste aspecto citado, fica evidenciado o poder da mulher na decisão da continuidade ou não da vida, mas também é um ato que faz nascer em alguns o questionamento: tirar a vida e a do filho resolveu o quê? Cabe a reflexão: permanecendo vivos para serem explorados, com tratamentos piores que os dados aos animais ferozes, valeria mesmo a pena? Viver não seria morrer aos poucos a cada dia? Sendo livres, reis e rainhas de si em suas terras suportariam gerar filhos para serem escravizados, sem a menor chance de protegê-los? Tal condição

justificaria viver? As ações citadas de liberdade respondem tais questões reflexivas e podemos dizer que o infanticídio e suicídio por parte de mães representam uma forma de resistência e um ato de heroísmo para a época nefasta da qual estamos tratando. Pretendemos, ainda que de maneira breve, introduzir uma análise sobre a história das mulheres negras no Brasil em diálogo com os textos de Conceição Evaristo que tratam da maternidade, do poder da mulher e suas idiossincrasias. Vale ressaltar que estamos nos reportando exclusivamente à mulher negra, por ser símbolo de resistência e luta em prol da vida e da manutenção de sua família.

Quando mulheres chegaram às terras hoje denominadas brasileiras foram obrigadas a fazer atividades depreciativas e extenuantes, passando por castigos devoradores de seus corpos e almas através de instrumentos de tortura que ganharam fama diante seu grau de perversidade e também de letalidade. Pinsky (2020) diz que

cabe-se, pois denunciar as diferentes modalidades de violência a que eram submetidos os negros durante a escravidão. (...) Correntes, gargalheira, tronco, algemas, peia, máscara, anjinho, bacalhau, palmatória, golilha, ferro de marcar figuram em listas de castigos aplicados a escravos e que foram classificados pelo antropólogo Artur Ramos em instrumentos de suplício e instrumentos de aviltamento. (PINSKY, 2020, p.72).

Seguindo a indicação da denúncia de Pinsky, descrevemos brevemente alguns dos castigos aplicados aos escravizados: **anjinho** (destruía os polegares das pessoas), **máscaras de ferro** (impediam a alimentação), **tronco e açoite** (um dos mais temidos, chegava a tirar pedaços da carne do indivíduo), **palmatória** (usada para golpear as mãos e, dependendo da força e quantidade de golpes, poderia destruir as mãos do castigado), **colar de pregos** (impedia que os torturados dormissem à noite durante o descanso para que no dia seguinte trabalhassem duramente), **vira mundo** (prendia os braços e pernas juntos com lados contrários: braço esquerdo com perna direita e braço direito com perna esquerda, uma posição incômoda na qual o indivíduo era obrigado a ficar por período longo), etc. A tortura era um mecanismo que funcionava como repressão escravista, ou seja, controlar os indivíduos para que os mesmos realizassem as tarefas pesadas, entre outros aspectos da perversidade e tirania do regime escravocrata.

Passado o período de escravidão, as dificuldades não deixam a vida dos antes escravizados. Ainda aqui destacamos e focamos na condição da mulher como provedora de sua família com suas atividades econômicas, sendo historicamente as responsáveis em arcar com o sustento da mesma. Esse ato de prover a casa vem de longe e as atividades econômicas desenvolvidas pós escravidão não deixaram de ser diversificadas e também penosas, pois

Com o fim do tráfico e a posterior assinatura da Lei Áurea que aboliu o regime escravista, um grande número de negras e negros libertas/os se juntaram a população urbana economicamente ativa. Porém, “a população negra encontrou poucas alternativas fora dos trabalhos intermitentes e pequenas atividades subalternas” (NEPOMUCENO, 2012, p. 385). As mulheres negras, a grande maioria, foram trabalhar no comércio vendendo quitutes e outras atividades de ganho, outras seguiram realizando trabalhos domésticos como cozinheiras e lavadeiras. (GOMES & ROSA, 2014, p. 100)

Podemos destacar atividades como lavadeiras, quitandeiras, vendedoras ambulantes e empregadas domésticas como as mais comuns e que serviram e ainda servem de meio rápido para se conseguir o sustento da família pela mulher. Assim, na ocasião em que o homem, que na história é visto como o provedor da família, ou o “chefe de família” – conforme o pensamento patriarcal –, perde seu trabalho e fica sem saída ou meios de ganhar o pão das crianças, surge ou ganha foco a mulher, que precisa criar meios de subsistência para toda a família, assumindo assim o papel de líder familiar e condutora da economia doméstica, denotando o poder que tem em ressignificar a vida, criar estratégias para driblar as dificuldades que se apresentam, mostrando a todos que é agente e dona de seu caminhar, senhora de destinos e que dá orientação a todos que pertencem a sua casa e estão sob sua responsabilidade. Nota-se que a mulher sempre buscou uma mobilidade dentro da sociedade para sobreviver e prover os seus, libertar a si e a outrem. Todo esse processo influenciou a estrutura social mesmo que de forma lenta, mas que surtiu um efeito. Tainá Silva Santos, em texto¹ publicado no portal Geledés, falando sobre mobilização feminina durante o período escravagista, nos diz que

A mobilização que as mulheres escravizadas geraram em torno dos próprios interesses, impactou, diretamente, o processo da abolição no Brasil, em Cuba e outras regiões das Américas. Por aqui, essas personagens foram as figuras centrais para a formação de uma identidade negra que se opunha à escravidão, pois, além dos motivos já apresentados, elas também foram aquelas que mais acessaram a liberdade via a compra de alforrias desde do século XVIII. (Tainá Silva Santos, Portal Geledés, 2020)

Sabemos que o sistema escravista deixou suas marcas não só nos corpos e mentes das pessoas, mas também marcas na vida social que perduram ao longo dos tempos, criando estereótipos que dificultam a vida das pessoas menos favorecidas socialmente. Esses são os afrodescendentes que trazem uma carga negativa advinda de seus antepassados, de um passado marcado pela injustiça social. Tais estereótipos contribuem para que nós, negros,

¹ “Poderia a história do Brasil ser contada a partir da trajetória das mulheres negras?” Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poderia-a-historia-do-brasil-ser-contada-a-partir-da-trajetoria-das-mulheres-negras/>. Acessado em: 19 de agosto de 2021.

sejamos tratados com menos importância, discriminados por uma relação desigual histórica que nos empurra para lugares depreciados na sociedade, seja em relação à moradia, seja em relação aos trabalhos que desenvolvemos para a sobrevivência.

A carga negativa sócio-histórica de miséria e da falta de políticas públicas permanentes de equiparação que as mulheres carregam é marcante, de maneira que influencia diretamente no modo de vida dessas mulheres que ao longo da existência buscam superar as dificuldades. Por meio de sua inteligência, sagacidade, destreza e espírito aguerrido, entre outras tantas qualidades, a mulher sempre teve papel fundamental para nortear a sociedade a que pertence, mesmo não tendo a valorização merecida e seu reconhecimento dentro de uma comunidade historicamente falocêntrica, machista e, portanto, excludente da mulher. Talvez o poder de transformação da mulher tenha representado uma ameaça ao poder impositivo que muitas vezes o homem impõe para se firmar, poder este que nem sempre é ideal para resolver problemas que necessitam de maleabilidade e inteligência emocional, habilidades estas bem desenvolvidas por algumas mulheres em seu atuar social para encontrar saídas de sobrevivência para si e aos seus.

Considerando a proteção à família e a busca de meios de mantê-la de maneira digna, já vimos que a mulher desde sempre teve este zelo. O cuidado e doação é algo *sui generis* da mãe para com seus filhos, sem com isso negar a responsabilidade da figura masculina em promover o cuidado e o doar-se aos seus filhos como a mãe o faz numa responsabilidade que deveria ser mútua. Contudo sabemos que as mulheres que escolhem ser mães, biológicas ou não, são mais presentes na matéria do amor, enquanto determinados homens – talvez pelo histórico de formação social equivocado – têm a mentalidade de que a responsabilidade de zelo e cuidados de um/a filho/a é tarefa exclusiva da mulher, eximindo-se de seu dever e de sua necessária participação enquanto pai.

Assim, para garantir o bem estar de sua prole, a mulher negra, que historicamente não tem acesso amplo à escolarização, realiza trabalhos que não são valorizados dentro da sociedade ou degradadores da saúde humana. Geralmente é filha de pais também não escolarizados e sem boas oportunidades para oferecer a seus filhos chances de progresso. Formam famílias que vivem em ambientes sociais miseráveis, sem as condições necessárias a uma vida digna. Portanto, o que se tem é um ciclo de vidas que reproduzem misérias de geração em geração por falta de políticas públicas que atenuariam a pobreza na vida dessas pessoas, e que têm desde sua ancestralidade a origem do empobrecimento e discriminação gerados por um sistema escravocrata que atinge a população negra até os dias atuais.

Vale salientar que as profissões desenvolvidas por mulheres negras ao longo da história, no período escravista e no pós-escravidão, eram geralmente ganhadeiras (mulheres que lavavam e engomavam roupas para as famílias que possuíam condições financeiras), quituteiras (vendas de alimentos em tabuleiros pelas ruas e casas), feirantes, doceiras, empregada doméstica, etc., profissões estas que sempre foram desvalorizadas, mas que representam a saída para ganhar o sustento da família. Por isso o sofrimento, a humilhação e os baixos salários sempre estiveram presentes e são aspectos de luta de todas em prol de melhorias de suas próprias vidas e também da de seus descendentes.

O processo de reivindicação por condições dignas que é feito hoje reverberará na vida dos que virão. A voz silenciada antes, hoje começa a ser murmurada e ouvida e certamente a voz preta do amanhã, consciente da história de luta de seus antepassados, irá gritar e ressoar através do empoderamento de homens e mulheres. Dessa forma teremos conquistado um espaço que sempre nos foi negado e que também é nosso. Logo temos o direito de sermos protagonistas de nossa história através de nossa voz antes silenciada, mas hoje ressonante.

Como expressão dessa transcendência de vozes que antes eram subjugadas, silenciadas e contidas na subalternidade, mas que com o passar dos tempos evoluiu, das relações sociais com garantias de direitos e vez dentro da sociedade, evocamos um poema de Conceição Evaristo que retrata o resgate da dignidade humana do povo negro, em especial a mulher. Tal resgate é feito através da ressignificação das dores e agruras, pois Evaristo tem essa maestria em falar da individualidade coletiva, ou seja, através da abordagem de um “eu”, a coletividade assume o cenário apresentado. Assim, Evaristo expressa, em seu poema “Vozes-mulheres”, encontrado no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, um conjunto de vozes que rasgam a história e se apresentam de maneiras peculiares, trazendo o movimento ancestral e suas transformações ao longo do tempo. Abaixo apresentamos o poema para melhor apreciação de sua abordagem e entendimento do que estamos falando, isto é, vozes ressonantes através da ancestralidade:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
 nos porões do navio.
 ecoou lamentos
 de uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias

debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela
 A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.
 (EVARISTO, 2017. p. 24-25).

Partindo do poema acima de Evaristo, acreditamos que o mesmo anuncia mudanças de paradigmas sociais, assim como apresenta um novo modo de ser e estar no mundo que não abre mão da liberdade que todos nós precisamos e merecemos ter, uma liberdade que se faz real através do ato de fala daquele que na condição de subalternizado ganha um espaço no qual pode ecoar seus anseios de liberdade negados aos seus antepassados. Contudo, quando essa fala atual ganha espaço e vez, ela representa toda uma geração que foi silenciada. Evaristo cria um espaço em sua literatura que garante que indivíduos subalternizados externem suas vozes, ressignificando sua história e dando a importância que todos nós temos dentro da sociedade, de maneira que Evaristo não fala apenas da dor pela qual passou o povo negro, mas permite que em seus escritos apareçam sim histórias de luta, mas histórias com vitórias e significância.

Passemos agora a falar da mulher ativa e como ela vive atualmente na sociedade com desafios e perspectivas contemporâneos.

2.2 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA HOJE

Após esse breve panorama histórico da escravidão e suas marcas deixadas em especial nas mulheres, cabe aqui fazer análise da mulher hoje na sociedade elencando sua luta por espaço social, voz e acima de tudo poder de organização e transformação de sua realidade.

É sabido que a escravidão foi um episódio na humanidade tenebroso. Deixou marcas profundas na sociedade de injustiça e sofrimento. Mas devemos destacar que o povo negro foi o alvo das atrocidades causadas pela escravidão, e quando se mergulha ainda mais nesta ferida histórica, chegaremos nas mulheres pretas como alvos ainda mais fragilizados e que tiveram danos mais contundentes e severos nos crimes praticados. Mulheres negras não foram apenas obrigadas a realizarem trabalhos duros nas lavouras e casa grande, mas também eram constantemente estupradas e humilhadas, tendo sua família destruída. Os efeitos dessas condições desumanas reverberam hoje na vida de muitas mulheres negras.

Sabemos o quanto as mulheres negras são discriminadas nas diversas esferas da sociedade. Vivemos em uma sociedade excludente, racista e preconceituosa graças aos resquícios da violência colonial. Como vimos, as mulheres negras são as mais injustiçadas, pois têm dificuldades em se estabelecerem no mercado de trabalho, faltando-lhes formação escolar adequada, pois muitas têm que trabalhar muito cedo para ajudarem no provimento de sua família. Quando têm escolaridade e conseguem enquadramento profissional, mesmo assumindo funções iguais às dos homens brancos, exercendo as mesmas atividades, são discriminadas e recebem salários menores. Desta forma, as relações trabalhistas no tocante à valorização dos indivíduos estão ligadas a padrões conhecidos e definidos por um grupo social dominante e não propriamente pela capacidade intelectual de cada ser.

O fato de ser mulher e negra, causa diferenciação no tratamento e na remuneração, ou seja, temos aí diferenciação nas relações individuais baseadas no gênero, na raça e no sexo, sendo, portanto, um exemplo evidente do racismo institucional que afeta a sociedade e evita seu progresso, pois as relações estão baseadas em interesses de determinados grupos que exercem poder dentro da sociedade e por tal influência acabam por impor determinados padrões a uma sociedade que sabemos ser diversa por formação. Quando tal padrão ganha força dentro das instituições públicas ou privadas, determinando o andar das relações, promovendo distinções que segregam indivíduos, temos problemas estruturais, sendo um deles o racismo enraizado nas diversas esferas da sociedade. Sobre o racismo estrutural, Sílvia Almeida (2020) nos explica sobre seu domínio e atuação da seguinte forma:

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. - e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente

dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. (ALMEIDA, 2020, p. 40-41)

A jornada de trabalho das mulheres negras vem de longe. Como já foi apontado, as mulheres negras trabalhavam igualmente aos homens, nas mesmas atividades, acumulando ainda mais tarefas, por exemplo, ao trabalhar como babás – assumindo o verdadeiro papel de mães – amas de leite, etc. Portanto, desde sempre as mulheres negras estão ativas no mundo do trabalho, ocupando espaços públicos em atividades remuneradas, mostrando uma diversificação nos trabalhos realizados, fato que traz outra perspectiva sobre a sobrevivência negra ao longo da história como nos chama à reflexão Tainá Santos, em artigo no qual ela chama atenção para o fato de que a mulher negra,

Além de trabalhar no campo e vender os excedentes do que plantavam nas feiras urbanas, as mulheres negras dominavam as ruas das cidades no que dizia respeito ao comércio de alimentos, amuletos, entre outras coisas. O dinheiro que arrecadavam com a venda desses artefatos e das iguarias foram o suficiente para libertar muita gente. Às vezes, elas exerciam duas profissões ou mais, combinando as funções de escravas domésticas ou trabalhadoras do campo com o ofício da lavagem de roupas, da venda no tabuleiro e outros mais. O comércio foi uma atividade tão rentável para as mulheres negras a ponto de mulheres brancas se incomodarem com as africanas livres que, nos tempos da colônia, tinham dinheiro suficiente para comprar tecidos de boa qualidade e desfilar pelas ruas dos centros urbanos vestidas com seda e, até, com algumas joias. (SANTOS, 2020. Portal Geledés)

Diferente das mulheres não negras que estavam destinadas ao lar, cuidando de seus esposos, filhos e da casa, a mulher que estava fora do seu lar desacompanhada de seu marido era mal vista na sociedade, pois

A rua foi, cada vez mais, associada a um lugar profano, infecto e de desordem. Desapropriado para a mulher branca. Essa degradação moral da imagem das mulheres negras esteve diretamente atrelada à formação dos padrões socialmente aceitáveis de feminilidade no período. (IDEM)

Fazendo uma breve comparação, percebe-se que a mulher negra sempre esteve em jornada extenuante de trabalho, pois, além de trabalhar fora, ainda tinha as tarefas de casa. Angela Davis (2016), ao tratar da condição da mulher e dos espaços de atuação profissional, nos diz que

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos de escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua

existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras.

[...] Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa. (DAVIS, 2016, p.17)

Qualquer semelhança com a atualidade não é coincidência. Vale salientar que hoje vemos as mulheres em diversas atividades na sociedade, mostrando sua pluralidade em refazer-se diante das adversidades. Isso não é de hoje, embora certas versões da história passem a ideia de que a escravidão foi a única forma ou saída de sobrevivência, o que não é verídico. Sobre esse equívoco, Tainá Santos (2020) diz que

Geralmente, quando pautamos a experiência negra, o direito à história e à memória, tentam encurralar nossa existência em, aproximadamente, três séculos de trabalho forçado nas Américas. Contudo, muita gente tem lutado para romper os modelos hegemônicos que nos ensinam formas limitadas de ser, nos ver e pensar. Os olhares que mulheres negras têm lançado para o passado estão inspirando novas perspectivas libertadoras de futuro. E, ainda, têm incentivado a pesquisa histórica a ampliar o campo das análises. Trabalhos recentes revelam que muitas das nossas também eram trabalhadoras liberais e “livres” antes mesmo da abolição da escravidão. Outras pesquisas, como a de quem vos fala, tem apontado para a presença das nossas mulheres nas mais diversas profissões do mercado de trabalho das cidades e tentado entender historicamente como fomos aprisionadas no subemprego e encurraladas em profissões pouco valorizadas. Para além de empregadas domésticas, as mulheres negras empobrecidas também foram trabalhadoras de fábricas, doceiras, costureiras e muito astutas, pois sobrevivemos em uma sociedade que nos desejou a morte. (SANTOS, 2020, Portal Geledés)

Se hoje temos uma diversificação de atuação trabalhista das mulheres no intuito de lutarem pela sobrevivência pessoal e dos seus, há de imaginar que esse legado de luta não é de hoje, pois traz um histórico ancestral de astúcia e resistência. Mesmo que a sociedade tente a todo instante relegar aos porões da história e em lugares de subalternidade a população negra em geral, nós estamos sempre nos refazendo e buscando alternativas de viver com dignidade. Dessa forma, mulheres negras gritam por liberdade, forjam sua liberdade com as próprias mãos e dizem não à opressão histórica assumindo cada vez mais os mais diversos postos de trabalho e esferas sociais de poder. No campo literário, através da escrevivência, externam suas dores e as dores dos seus, assim como na música, no teatro e onde elas desejarem, pois o tempo das mordidas físicas, o tempo tenebroso da escravidão, serviu como força e incentivo para resistirem ao sistema social que até hoje, mesmo com alguns avanços, as aprisiona.

Até aqui falamos da mulher negra, associando-a ao modo de vida no tempo da escravidão, suas maneiras de sobreviver, as marcas trazidas à atualidade deste período nefasto da humanidade e breve análise sobre as mulheres negras hoje dentro da sociedade brasileira.

A seguir, pretendemos abordar a figura da mulher no campo literário e midiático, assim como sua representação a partir da produção literária de mulheres negras. Desta forma, objetivamos avançar, trazendo novas perspectivas sobre a mulher negra enquanto protagonista de sua vida dentro da sociedade sem deixar de voltar às questões de relevância histórica antes abordadas, já que o conhecimento é sempre uma retomada de conceitos e saberes num movimento de ir e vir contínuo.

3 CAPÍTULO II

3.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA E NA MÍDIA

Depois de fazer breve explanação sobre a saga da mulher negra como protagonista de sua vida e da vida dos seus quanto à produção de meios de sobrevivência, direção de famílias, gestoras de vidas, trabalhadora aguerridas, além das condições sociais sob as quais mulheres e homens afrodescendentes sempre estiveram submetidos, apontando a origem dos problemas socioeconômicos na vida dos mesmos, passaremos a discutir sobre a representação da mulher na literatura e na mídia fazendo paralelo com a pesquisa da professora Regina Dalcastagnè, que apresenta resultados de sua investigação sobre o perfil de personagens no romance brasileiro. Tal texto é relevante para entendermos o perfil social brasileiro retratado na literatura e por isso será utilizado nesta seção.

Para falar de literatura, sua representação e quem pode fazer literatura e o que pode ser integrado ao campo literário, não podemos deixar de lembrar de Regina Dalcastagnè em suas pesquisas dentro da temática em questão. A partir dos escritos de Dalcastagnè, podemos afirmar que o campo literário é muito disputado, pois representa espaço de poder, no qual se expressam ideologias que podem direcionar os rumos sociais. Considerando-se a influência que tem a literatura na vida social, esta torna-se um território disputado por grupos sociais. Historicamente quem domina a literatura hegemônica circulante no país é um grupo de homens brancos – e poucas mulheres brancas –, heterossexuais e que têm sua origem, ou que pelo menos publicam, em cidades da região sudeste do Brasil, que detém maior poder econômico. Essa dominação literária é contestada por outras vozes que não são contempladas socialmente pelo primeiro grupo citado, uma contestação que visa espaço de publicação e visibilidade que contemple setores da sociedade muitas vezes marginalizados, mas que têm, enquanto parte da sociedade, direito de representação e voz. Portanto, quando falamos em campo literário, literatura e seu alcance social, estamos diante de um campo de luta e resistência, um território contestado, como nos diz Dalcastagnè (2012):

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado. Muitos além de estilos e escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela

abertura de novas abordagens e enquadramentos para pensar a literatura; ou ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade. (DALCASTAGNÈ, 2012. p. 7)

Diante do excerto acima, trazemos à baila a questão da mulher negra na literatura. Uma figura social que pelo seu histórico não tem a devida valorização enquanto agente formador de nossa sociedade, ou melhor, quando se fala do povo negro e sua representação, suas contribuições no processo de formação cultural do país, não há a devida e merecida valorização. Não é por acaso que no ano de 2003, depois de muita luta, ações do movimento negro e reivindicações sociais, é promulgada a Lei 10.639/03 que altera a Lei 9.394/96, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação brasileira para incluir a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira. Desta lei destacamos o parágrafo primeiro do artigo 26-A que diz:

O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (LEI 10.639/032)

Vale lembrar que a supracitada lei, que tem todo um histórico de luta por trás, foi promulgada no ano de 2003, quando o Governo Federal se mostrava sensível à causa dos menos favorecidos, fomentando políticas públicas voltadas à equidade e reparação social e respeitando os mais variados grupos que formam a sociedade brasileira, visto que a valorização da contribuição de cada um no processo formativo da nação se fazia e se faz necessária. Destacamos ainda o trabalho desenvolvido pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e também pelo Ministério da Cultura, instâncias governamentais de suma importância para o fomento de ações voltadas ao avanço social e o combate à desigualdade social.

Voltando à presença da mulher negra na literatura e na mídia, é gritante a disparidade representativa nestes campos. Acreditamos que tal disparidade advém da imagem ou padrão estético criados por grupos dominantes dentro da sociedade e que os impõem como ideário a toda sociedade. Não obstante, a mulher negra é vista com beleza menor em relação à mulher não negra ou quando aparece tem sua imagem estereotipada ou hiperssexualizada, como é o

² Lei 10.639/03. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acessado em: 23 de agosto de 2021.

clássico exemplo da “mulata do carnaval” e nas telenovelas, onde aos atores negros de maneira geral são dados papéis subalternos - escravos/as, assassinos, prostitutas, ladrões, entre outras figuras minorizadas. Tais constatações revelam o preconceito e discriminação que o povo negro sofre ao longo dos tempos por produtores/as de uma literatura circundante por todo território nacional e também outros países do mundo.

A pesquisadora Giceli Ribeiro dos Santos (2005), em trabalho intitulado “O não-lugar da mulher negra na sociedade brasileira: em busca de uma nova perspectiva”, fala a respeito das mulheres negras na mídia e a discriminação que elas sofrem, pois a elas os papéis de menor prestígio social são normalmente atribuídos, tais como os de empregada doméstica, escrava, prostituta. Os papéis de heroína dificilmente lhes são atribuídos. Assim afirma a pesquisadora:

Ora, em se tratando de mídia, é nítida a discriminação sofrida pela mulher negra nessa área: personagens secundárias, subempregadas, músicas de cunho racista, propagando cuja intenção maior (camuflada, é claro!) é a de vender seus produtos através do convencimento de que a mulher afrodescendente tem por obrigação se igualar à branca, como se essa fosse um modelo a ser seguido; as músicas (se é que assim podem ser chamadas!) tendem a reafirmar, a todo momento, a impossibilidade de se conceber a negra como uma mulher bonita, interessante e inteligente, restando a ela como único atributo, as “qualidades” sexuais resultantes, também, de uma visão absolutamente preconceituosa. (SANTOS, 2005, p. 1054)

Cristina Stevens e Vânia Vasconcelos, em artigo publicado na revista *Cerrado*, em 2011, trazem os resultados da pesquisa da professora Regina Dalcastagnè a respeito da autoria e da configuração de personagens nos romances brasileiros, resultados estes que confirmam algumas ideias já colocadas aqui no que tange ao domínio do homem e da mulher brancos como autores, os quais trazem uma representação homogênea de indivíduos, ou, quando apresentam grupos politicamente minoritários, deturpam sua imagem com características preconceituosas e baixa valorização. Parafraseando as autoras, o problema está longe de uma exigência representativa de uma imagem realista do mundo, mas sim em uma invisibilização de grupos sociais e silenciamento de perspectivas sociais. Acreditamos que a representação social na literatura deve acontecer de maneira diversificada, logo é importante que a produção de literatura seja feita por escritores/as também diversificados e não apenas por um grupo social. Assim, Cristina Stevens e Vânia Vasconcelos nos dizem que:

Quando a pesquisa parte para o levantamento da participação dos personagens negros e mestiços nas tramas e dos modelos tomados como referência na criação desses personagens, verifica-se a confirmação do reforço do preconceito na literatura. Importante salientar que a recorrência e divulgação dos estereótipos subalternos e marginais, somada à pequena incidência dos personagens negros

reforça, no imaginário da cultura, a ideia de que essa parcela da comunidade é pouco competente na sua formação cidadã e na sua ascensão social. (STEVENS, C., & VASCONCELOS, V. 2013, p. 72-73)

A necessidade de representação diversificada dentro da literatura e como o povo negro é representado se faz necessário dentro do campo literário. É preciso uma representação positiva da figura do povo negro, marginalizada e com estereótipos normalizados ao longo do tempo.

Entendemos que o povo negro não tem uma representação positiva no escopo literário consolidado no país e isso requer atenção de todos nós que nos debruçamos sobre as questões literárias e suas reverberações dentro da sociedade. Portanto, no que se refere à representação de indivíduos que fazem parte da história e cultura brasileiras, estes merecem representação digna de suas particularidades como qualquer outro grupo que compõe a sociedade.

Regina Dalcastagnè, em artigo recente (2021) apresenta resultados atualizados de sua pesquisa sobre o perfil de personagens no romance brasileiro e demonstra dados importantíssimos para entendermos como a literatura aborda os grupos de pessoas que constituem a sociedade brasileira, pesquisa esta que já fizemos alusão. Tal pesquisa, segundo Dalcastagnè, nasce do

desconforto causado pela constatação da ausência de dois grandes grupos em nossos romances: dos pobres e dos negros. (...) De um modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditado à 'invisibilidade' desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo. Nesse caso os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao deixar de fora das páginas de seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade. (DALCASTAGNÈ, 2021. p. 110)

Diante da inquietação causada pela ausência dos pretos e pobres na literatura, grupos estes vistos como menos importantes e que sofreram um apagamento simbólico, os dados apresentados nos apontam um domínio do homem branco e da elite como escritor que tem como origem geográfica os centros urbanos do sul-sudeste do Brasil. Desta forma acontece o monopólio dos lugares de fala, como aponta a pesquisadora, dentro da narrativa de tais homens brancos, os quais historicamente dominam a escrita literária, quando decidem o que escrever e sobre quem e como se deve representar. Neste processo de escolha ocorre a exclusão de parte das pessoas menos favorecidas que, mesmo quando são representadas, estão em função ou condição subalternizada, ou seja, há uma má representação de certos grupos ou ainda uma representação estereotipada de determinadas comunidades que têm origem no processo de escravização de seus indivíduos.

Quando falamos em representação dentro da sociedade e de grupos que não têm a devida atenção, logo vem à lembrança o grupo das mulheres, em especial as negras. As mulheres sofrem uma forte segregação sexista no meio social, fruto de uma mentalidade baseada no patriarcado, tal mentalidade, historicamente, tirou ou limitou o direito de expressão da mulher, silenciando-a, ou, quando muito, tinha seu pensar ou falar externado por outrem. Vale reforçar que o lugar de fala de cada indivíduo – lembrando e parafraseando Djamilia Ribeiro (2020), em seu livro *Lugar de fala*, não pode ser praticado/ocupado por nenhuma outra pessoa além de quem o possui, pois cada ser usa seu lugar de fala de diferentes modos, partindo de influências que o acompanha ao longo da vida, portanto, por mais que as intenções sejam boas, ninguém pode falar por outrem, no máximo poderá construir espaços que sejam meios viáveis ou facilitadores para que outras pessoas exerçam seu poder de fala a partir de sua constituição enquanto indivíduo. Voltando a Dalcastagnè:

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, pessoas com ou sem deficiência, moradores do campo ou da cidade, homossexuais e heterossexuais, umbandistas e católicos vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. Por mais solidário que seja às mulheres, um homem não vai vivenciar o temor permanente da agressão sexual, assim como um branco não tem acesso à experiência da discriminação racial ou apenas um cadeirante sente cotidianamente as barreiras físicas que dificultam ou impedem seu trânsito pelas cidades. (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 112)

Neste jogo de representação, lugar de fala dentro da sociedade, ainda conforme a pesquisa citada, aparecem dados bastante relevantes a respeito dos grupos não representados na literatura e subjugados socialmente, invisibilizados e silenciados. Voltamos a lembrar da figura da mulher que até mesmo na condição de intelectual tem seus feitos ou trajetória profissional diminuídos. No que concerne ao perfil intelectual, do agente literário, a pesquisa de Dalcastagnè tem como resultado o seguinte perfil do escritor brasileiro: “ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrando na meia-idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo.” (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 121)

O perfil exclui as mulheres da hegemonia da escrita literária e, se pensarmos nas mulheres negras escritoras, mais discrepante é sua colocação dentro da escrita literária. Essa discrepância no perfil de quem escreve ou está em posição privilegiada no campo literário, reflete diretamente no quesito “o que se escreve” ou “sobre o que/quem se escreve”, daí certamente encontra-se a explicação sobre a ausência de representação de alguns grupos sociais dentro da escrita literária. Diante disso, pensamos ser necessário e urgente uma escrita

mais plural para que os entes da sociedade sejam melhor representados, em especial a presença, inserção ou reconhecimento de escritoras, as quais tendem a criar personagens femininas que representam-nas como parte constituinte da sociedade e saiam do apagamento e distorções causados nas obras escritas por homens. Sobre essa questão da representatividade e visibilidade feminina nas personagens na literatura, Dalcastagnè afirma o seguinte:

Além de serem minoritárias nos romances, as mulheres, têm menos acesso à voz – isto é, à posição de narradoras – e ocupam menos as posições de maior importância. Ao mesmo tempo, os dados demonstram que a possibilidade de criação de uma personagem feminina está estritamente ligada ao sexo do autor do livro. Quando são isoladas as obras escritas por mulheres, 53,2% das personagens são do sexo feminino bem como 61,0% dos protagonistas e 64,6% dos narradores. Para os autores homens, os números não passam de 33,9% de personagens femininas, com 17,1% dos protagonistas e 17,3% dos narradores. Fica claro que a menor presença das mulheres entre os produtores se reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas. (DALCASTAGNÈ, 2021. p. 124)

Sueli Carneiro (2011) já nos alertou, em seu livro *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*, que pobreza tem cor. Podemos imaginar que tal afirmação advém das heranças escravagistas que impuseram ao povo negro condições de miserabilidade que atravessam o tempo e determinam ainda quem são os empobrecidos da nação, os negros, ou seja, a pobreza está relacionada diretamente à raça e suas nuances históricas e identitárias. Além disso, existem mecanismos que servem de manutenção dessa pobreza servindo-se das mazelas do negro para continuarem no mando da sociedade e controlando a riqueza produzida. Sueli Carneiro trata do matriarcado da miséria existente no Brasil, assunto que retoma o papel da mulher negra dentro da sociedade, mulher esta que é a provedora de sua família, o que revela “o seu papel de resistência e liderança em suas comunidades miseráveis em todo o país. (DALCASTAGNÈ, 2011, p.130)

A luta da mulher negra não é recente, como podemos constatar no capítulo anterior desta monografia, pois as mesmas sempre estiveram envolvidas com o trabalho, seja de maneira compulsória ou por conta própria em prol de sua liberdade e da liberdade de seus irmãos de luta. Dos grupos sociais que compõem a sociedade brasileira, a mulher negra constitui o segmento humano que mais se encontra em condições de vulnerabilidade social, ocupando funções laborais degradantes e sem remuneração adequada. Não queremos aqui assumir uma posição negativa ou pessimista em relação às mulheres negras dentro da sociedade, mas queremos enfatizar o quanto de atraso e mentalidade retrógrada a sociedade esteve e assim permanece em grande parte em relação às mulheres e sua capacidade enquanto agentes de transformação social.

Sueli Carneiro, na obra acima citada, apresenta dados estatísticos e uma análise social que nos ajuda a compreender e situar a condição da mulher negra no mercado de trabalho. Para isso apresentamos o excerto abaixo para que o/a leitor/a tenha melhor panorama da distribuição percentual dos grupos sociais no mercado de trabalho no que se refere às taxas de desempregados entre tais grupos. Eis o que se apresenta:

Em 1999, o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em parceria com o Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial (Inspir), realizou outro estudo amplamente divulgado, o “Mapa da população negra no mercado de trabalho”, que oferece os seguintes dados: em Salvador, por exemplo, uma das cidades de maior concentração de população negra do Brasil, a taxa de desemprego da população economicamente ativa está assim distribuída: entre as mulheres negras é da ordem 27,6% contra 24,0% para os homens negros, 20,3% para as mulheres brancas e 15,2% para os homens brancos. Em São Paulo, as taxas de desemprego encontradas foram de 25% para as mulheres negras, 20,9% para os homens negros, 19,2% para as mulheres brancas e 13,8% para os homens brancos.

Quando empregadas, as mulheres negras ganham em média metade do que ganham as mulheres brancas e quatro vezes menos que os homens brancos. As mesmas fontes governamentais já citadas demonstram o tamanho das desigualdades. O rendimento médio nacional entre negros e brancos em salários mínimos assim se distribui: o homem branco ganha 6,3 salários mínimos; a mulher branca, 3,6; o homem negro, 2,9; a mulher negra, 1,7.

As mulheres negras brasileiras compõem, em grande parte, o contingente de trabalhadores em postos de trabalho considerados pelos especialistas os mais vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos. (CARNEIRO, 2011. p. 129)

Portanto, o que se percebe na citação acima é uma grande disparidade entre homens e mulheres dentro da sociedade, sendo que a mulher negra é a que mais sofre desigualdade entre as categorias humanas, logo necessita de um amparo maior de políticas de reparação permanente até que se consiga equacionar as desigualdades existentes.

3.2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA A PARTIR DA ESCRITA LITERÁRIA DE MULHERES NEGRAS

Nesta seção iremos tratar da representação da mulher negra na literatura a partir do viés de mulheres negras escritoras. Para tanto, a abordagem se dará a partir de obras de Conceição Evaristo, por ser a autora que nos deteremos a analisar enquanto representante literária que busca resgatar a cultura afro-brasileira, tendo como fonte de inspiração personagens e narradoras mulheres e que escreve a partir do conceito de escrevivência, termo

teórico que contempla nossos anseios literários de estudos que abrangem o protagonismo da mulher negra sob a chancela da matrifocalidade.

Por hora nos deteremos a alguns textos de Conceição Evaristo, entre eles a narrativa “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, do livro *Olhos d’água*, de 2016, que é uma série de contos que abordam a vida de mulheres negras como protagonistas, donas de suas vidas, senhoras de destinos e que têm em comum a saga pela sobrevivência e autonomia de seus corpos e de suas atitudes, mesmo quando é narrada uma aparente rotina simples de seu cotidiano. Assim, buscaremos externar o trabalho de Evaristo tentando mostrar o papel da mulher enquanto protagonista de sua vida e seu papel social na vida em sociedade e de seus entes. Desta forma, pretendemos trabalhar com aspectos sociais que norteiam a fluidez da sociedade na qual estamos inseridos, a qual, para ser entendida necessita que procuremos entender suas entrelinhas.

O processo de silenciamento de populações menos favorecidas é algo histórico e absurdo. A prática de silenciamento de grupos economicamente desfavorecido é tática de uma elite social e econômica para se manter no poder e continuar dominando o andar da sociedade. Assim, temos uma história regada de exemplos de abafamento de vozes que sofrem com a discriminação, preconceito e falta de condições para uma vida digna de modo geral.

Evaristo (2017) em seu poema “Vozes-Mulheres”, já comentado e citado anteriormente, trata bem da questão do apagamento social de mulheres que ao longo da história tiveram seus pensamentos presos, suas dores sufocadas e seus desejos descartados. Mas Evaristo, conhecedora da realidade sócio-histórica e econômica brasileira e enquanto crítica social faz uso da literatura para abordar assuntos tão necessários para entendermos nossa sociedade atual, assim como nós, ao longo dos tempos, temos desenvolvido estratégias de empoderamento para conquistarmos nossa independência e lugar de fala. Como nos diz Djamila Ribeiro (2020), todos nós temos um lugar de fala e é preciso buscar que as pessoas que têm lugar privilegiado de fala na sociedade abracem a causa daqueles que sofrem opressão, de maneira a usarem de seu privilégio de lugar para falar dessas opressões e injustiças, o que não significa falar pelo oprimido, mas fazer coro contribuindo para o debate social das injustiças cometidas contra indivíduos silenciados historicamente. Explicando melhor sobre lugar de fala e quem possui esse lugar, Djamila Ribeiro afirma:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar

impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2020, p. 85)

Assim, à medida que no poema aparece o comportamento de mulheres desde o tempo escravocrata, quando as vozes pretas não eram ouvidas ou quando o que se ouvia eram gritos de dores originários dos castigos, verdadeiros soluços de dor, os quais não eram proferidos sem haver evidentemente uma luta da parte dos escravizados em prol de sua liberdade e condições de vida mais dignas, percebe-se que Evaristo abre um canal para que vozes tenham espaço, de maneira que, através da sua escrita, falas femininas ancestrais sejam ecoadas.

Seguindo o avançar do poema percebe-se que a autora ressalta que mesmo diante do sofrimento as vozes subjugadas começam a ser ouvidas com as novas gerações que em meio aos absurdos vividos conseguem estabelecer seu posicionamento dentro da sociedade. Esse aspecto de transformação social é percebido no mundo não fictício da palavra quando nos debruçamos na história e notamos que através do sangue derramado as categorias menos favorecidas têm ganhado espaço nos debates sociais. Como já alertamos, estaremos sempre destacando o papel das mulheres, nosso interesse principal de estudo, mulheres estas que por meio de muita luta começam a deixar as cozinhas das patroas para ocupar cadeiras de universidades, direção de empresas, gerências e mesmo a Presidência da República, mostrando sua real capacidade e não se limitando ao trabalho de baixa valorização social, o qual parece que sempre esteve destinado a elas.

O silenciamento começa a ser extirpado, e o cenário social começa a ganhar novos destinos, novas ideias com as novas gerações que, cientes de seu passado, apropriando-se de sua história e de seus antepassados para tecer novos caminhos para si e para os outros, ou seja, a história começa a ser escrita por novos protagonistas e com novo viés, agora com mais fidelidade às subjetividades negras, que tinham suas vidas contadas e escritas por seu algoz ou por grupos de indivíduos que têm em seu imaginário um padrão social que não contempla a sociedade como um todo, tratando determinados grupos de forma subalternizada, isso quando não os ignoram.

Chega o tempo que é narrado uma história de denúncia de maldades do sistema, uma voz que denuncia a fome e a violência que só aqueles que estão à margem social sabem do que se trata. Essa voz indignada e denunciadora gera ou faz ecoar novas vozes, em novas perspectivas, transformadoras da sociedade, capaz de ecoar e resgatar as vozes silenciadas de seus ancestrais, firmando e legitimando a vida mesmo com lutas diárias através de uma expressão que é pessoal, mas que traz em si o clamor de muitos que não tiveram oportunidade de fazê-lo por si só em prol de sua liberdade.

Em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, Evaristo é bastante contundente quando faz o resgate da figura da mulher negra na realidade brasileira, apresentando as dificuldades que passam estas mulheres, mães solas que, para prover suas famílias e por não terem um grau de escolaridade elevado em razão da herança histórica de suas antepassadas, acabam realizando profissões socialmente desvalorizadas e precariamente remuneradas. Aqui destacamos a profissão de empregada doméstica, ofício que grande parte das mulheres pobres aprendem a desenvolver desde muito cedo e porventura acabam sendo um dos poucos meios de sua subsistência futura. Essas mulheres têm jornada dupla, pois trabalham na casa da patroa, e ao chegar a sua casa, têm as tarefas e afazeres a serem feitos, além disso tem os cuidados para com seus filhos, diante do que poderíamos atribuir uma terceira jornada. Tais aspectos sociais são abordados literariamente por Evaristo, que nos leva à reflexão a respeito da valorização e os ganhos financeiros que o trabalho tido como honesto fornece: o que se percebe é uma exploração desmedida das forças dos trabalhadores e continuidade dos mesmos em condições de miserabilidade e não ascensão social.

O trecho abaixo ilustra a vida limitada e cheia de dificuldades da mãe de Zaíta com sua família em condição de vulnerabilidade social que precisa manter sua casa e ainda ajudar parentes em situação pior que a dela, vejamos:

A mãe de Zaíta guardou rapidamente os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguira comprar quase nada. Estava cansada, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. O primeiro filho nunca pedia dinheiro, mas ela sabia que ele precisava. E, sem que o segundo soubesse, Benícia colocava uns trocadinhos debaixo do travesseiro para ele, quando ele vinha do quartel. Havia também o aluguel, taxa de água e de luz. Havia ainda a irmã com os filhos pequenos e com o homem que ganhava tão pouco. (EVARISTO, 2016, p. 74-75)

Portanto, Evaristo, no conto supracitado, traz a personagem feminina Benícia, mulher guerreira, sustentáculo familiar, que trabalha muito e não tem grandes perspectivas de uma vida melhor para si e para sua família, fato que promove uma reflexão a respeito da condição do negro, seu ambiente social, condições trabalhistas, falta de políticas públicas e sociais que ajudem a promover a equidade social, além da condição de infância de crianças pobres, moradoras de favelas e os perigos que acometem a juventude quando não se tem atenção, cuidado e proteção. A insegurança e falta de proteção pelas quais as crianças estão submetidas são percebidas na passagem seguinte do conto:

Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida.

Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava. Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contendores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí a um minuto, tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco corpos ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. (IDEM. p. 76)

Esse tipo de tratamento literário promove um olhar diferenciado sobre a sociedade, ajudando a pensá-la estruturalmente na coletividade, tendo como plano de fundo a figura feminina e as condições sociais que a população negra historicamente está submetida sem amparo de políticas públicas reparadoras de desigualdades sociais.

Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo que será objeto de estudo do próximo capítulo deste trabalho, é um livro de contos com histórias de mulheres que protagonizam sentimentos de solidariedade e afetos entre mulheres, de maneira que assim entra em jogo a sororidade negra enquanto elo e identificação entre mulheres no ato de escutar sem promover um julgamento, colocando-se no lugar da outra. A escolha de tal obra se justifica pelo fato de ser escrita por uma mulher negra que se faz narradora de histórias de outras mulheres, proporcionando a elas um espaço para que as mesmas sejam protagonistas de suas histórias, expressando suas perspectivas. Portanto, o protagonismo de Evaristo como escritora é um contraponto ao cenário que se apresenta na pesquisa de Dalcastagnè, na qual prevalece o perfil do escritor homem que privilegia a perspectiva de personagens masculinos e que, por sua prevalência, reitera o apagamento de grupos de indivíduos marginalizados historicamente, entre os quais estão as mulheres.

Vale salientar que, além do apagamento da figura feminina na literatura, temos o problema da representação estereotipada das mulheres, ou seja, criam uma imagem para a mulher que a torna subalternizada dentro da sociedade, uma vez que geralmente as personagens femininas são representadas somente no espaço doméstico, ora como donas de casa dependentes de um marido. Já as que trabalham, se forem negras, serão representadas como empregadas domésticas em sua grande maioria. Se observarmos sobre outro prisma, verificaremos que a mulher contemporânea vem assumindo cada vez mais as variadas

instâncias sociais, os mais diversos campos profissionais, entre os quais o campo político e outros espaços de poder. Porém, quando se analisa a representação dessas mulheres na literatura, as mesmas continuam estagnadas em certos lugares de ocupação - levando em consideração, evidentemente, a porcentagem de obras que trazem as citadas mulheres assumindo outros lugares físicos, sociais e de fala - enquanto o homem tem seus espaços de circulação mais diversificado. Assim,

a maioria das mulheres retratadas no romance brasileiro contemporâneo permanece presa às ocupações que poderiam acolhê-las na primeira metade do século XX: donas de casa, artistas (em geral, atrizes), estudantes, domésticas, professoras, prostitutas. Em relação ao período de 1965-1979, as ocupações destinadas às mulheres eram ainda mais restritas: são 27% de donas de casa, 13% sem ocupação, 10,1% de estudantes, 9,2% sem indícios, 8,2% de profissionais do sexo e 5,8% de artistas.

[...] A personagem que caminha pela cidade é, via de regra, o homem. Às mulheres, cabe a esfera doméstica, o mundo que a ficção lhes destina. (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 128)

Frente ao exposto, é gritante a necessidade de um campo literário diversificado, uma vez que quem escreve reverbera diretamente no que ou sobre o que se escreve. É de fundamental importância que os grandes veículos midiáticos e editoras abram espaços com oportunidade de publicação por parte de grupos sociais que historicamente não têm voz ativa e espaço para externarem suas necessidades expressivas e culturas dentro da sociedade de maneira positiva, sem os estereótipos comuns às publicações por grande parte dos autores que já estão firmados e consolidados no campo intelectual e no cenário literário dominante.

4 CAPÍTULO III

4.1 *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES* EM ANÁLISE

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar.

Conceição Evaristo.

Depois de termos abordado a condição da mulher negra ao longo da história de maneira bastante breve, frente à grandeza que tem o tema, externando fatores do período da escravidão até questões da contemporaneidade em relação às mulheres, passaremos a tratar da mulher sobre outra perspectiva, sob o viés da literatura escrita por uma mulher negra que se dedica em abordar sobre a ancestralidade negra, ressignificando a história que temos, que nos foi contada e a que vivemos criando com novas perspectivas sobre nossas vidas.

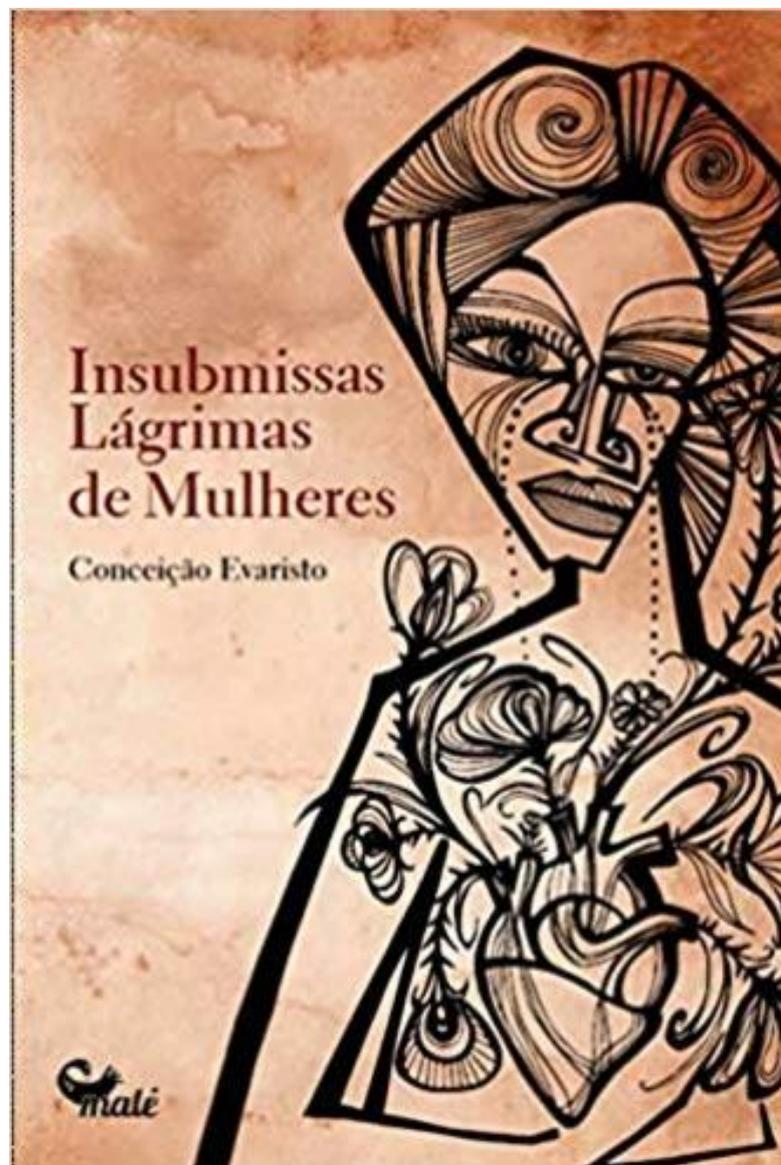
O título da obra de Conceição Evaristo que iremos trabalhar neste capítulo é *Insubmissas lágrimas de mulheres*, o qual nomeia o capítulo em questão. Vemos em tal obra uma ferramenta símbolo de resistência e mudança de perspectiva a respeito de tudo que já tratamos até aqui sobre a imagem e condição da mulher negra dentro da sociedade.

Acreditamos que o título de uma obra literária é de suma importância para sua leitura e análise, pois é ele que prenuncia o que encontraremos pela frente. Assim, chama-nos a atenção a palavra “insubmissas” que acreditamos ser a palavra norteadora do título diante de sua força de significado: de insubmisso, que não se sujeita a; que tende a ser livre; insubordinado ou rebelde. Seguindo temos a palavra “lágrimas” que sugere como significado ou ideia de dor/sofrimento, *a priori*, pois lágrimas vêm de choro, que está associado à infelicidade, mesmo sabendo que também existe o choro causado pela condição de felicidade/alegria. Por fim, temos a palavra “mulheres”, que representa o seguimento ou parcela da população, como vimos anteriormente, que mais tem suas capacidades e direitos negados dentro da sociedade.

Tais palavras acima descritas, quando juntas, formam o título que nos passa uma mensagem – conhecendo-se todo o histórico de luta e capacidade de se refazer que têm as mulheres – de que apesar das lágrimas, do sofrimento e das injustiças sociais, as mulheres não se deixam abater, não se curvam diante da dor que a elas é imposta, pois elas ressignificam

essa dor. Ainda sobre a análise prévia da obra, não se pode deixar de falar da imagem ilustrativa que acompanha a edição do livro que aqui é analisada: uma figura feminina que abraça o próprio coração à mostra, o qual com sua forma anatômica real, assume a forma de um jarro decorativo de mesa. Das artérias e ventrículos do “coração-jarro” brotam ramos variados de flores que são regados pelas lágrimas da mulher. É de fato uma imagem enigmática e muito significativa, mas que entendemos de início que passa a mensagem de que apesar das dores e sofrimentos que se tem na vida, é possível ressignificá-los através da resiliência e da transformação, ações que as mulheres insubmissas, determinadas, conscientes de sua condição, são capazes de fazer mesmo com todos os obstáculos a elas impostos.

Figura 1 - Capa do livro: *Insubmissas lágrimas de mulheres*



Fonte: Evaristo (2016).

O livro é composto por treze contos, cada um deles intitulado pelo nome de uma mulher que é a protagonista e que portanto possui a voz para contar a sua história de vida, cabendo à narradora/escritora criar um espaço propício para que as vozes das mulheres ouvidas sejam propaladas.

Conceição Evaristo, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense – UFF, é uma exímia escritora brasileira que através de sua arte de escrever faz um resgate da negritude negada de suas potencialidades e colada ao longo do tempo nos porões da história, sendo desvalorizada, subjugada e silenciada. De acordo com o portal Literafro³, Conceição Evaristo

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores. (Portal Literafro, 2022)

Vale salientar que a série *Cadernos Negros* é um importante veículo editorial que tem como objetivo servir de meio para que autoras e autores negros publiquem sua literatura, disseminando-a na sociedade e inserindo-a no campo literário dominado por um cânone majoritariamente composto por pessoas não negras, excluindo vozes negras e outros grupos minorizados na sociedade e silenciados ao longo da história. Portanto, os *Cadernos Negros* se configuram como instrumento contra-narrativo, contestador de um cânone que é excludente para oferecer espaço às vozes antes contestadas e não legitimadas.

Quando se pensa nos personagens da vida real que sofreram e ainda sofrem injustiças sociais, não há como não visualizar o povo negro figurando o cenário social como protagonista. Se continuarmos o recorte analítico chegaremos ao grupo das mulheres negras como grupo que mais teve e tem sua dignidade humana aviltada e violentada pela sociedade desde os primórdios da então chamada civilização.

Evaristo, consciente de seu papel na sociedade enquanto intelectual negra, faz uso de sua caneta e imaginação para promover ou resgatar sua ancestralidade negra. A autora se dedica, em especial, ao protagonismo da mulher negra dentro de sua obra, não obstante temos *Insubmissas lágrimas de mulheres* que quebra a hegemonia masculina tão marcante na literatura como já discutimos anteriormente com a pesquisa de Regina Dalcastagnè sobre as personagens na ficção brasileira. Assim, quando Evaristo escolhe mulheres para externarem

³ Conceição Evaristo. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acessado em: 21/02/2022

suas histórias, oferecendo-lhes um microfone imaginário para que ecoem as vozes das mulheres silenciadas ao longo da vida – lembrando que cada história, cada voz, traz consigo milhares de outras vozes que não tiveram oportunidade de serem ouvidas – o intuito da intelectual é que essas mulheres sejam as protagonistas da narrativa:

Segundo Spivak, a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido. (ALMEIDA, 2010. p. 16-17)

Depois do oferecimento do “microfone”, a escritora, através de sua criação literária, faz surgir uma narradora que valendo-se de uma atitude griô recolhe histórias para recontá-las. Assim, oferece seu ouvido auspicioso com ausculta preciosa dos sussurros da alma, sem juízo de certo ou errado, mas um ouvir empático trazendo à tona uma sororidade negra necessária e oportuna, afinal, como sugere a citação acima, não basta que o subalternizado externe sua voz, é preciso que seja ouvido verdadeiramente. Por fim, com o microfone e ouvidos oferecidos, resta o registro, a eternização das histórias narradas, então materializa-se o livro *Insubmissa lágrimas de mulheres*, um registro de dores ressignificadas, de negritude afirmada através de um resgate ancestral por meio da arte de contar histórias pelo resgate da oralidade.

Insubmissa lágrimas de mulheres é iniciado pela história de Aramides Florença, uma mãe solo, independente, ocupante de cargo de chefia em uma empresa importante. Tais características dessa personagem demonstra a valorização à figura feminina negra feita pela autora quebrando o estigma de papéis menores atribuídos às mulheres na ficção e apresentando um novo olhar social na atuação feminina na sociedade, combatendo preconceitos e discriminação de gênero.

Aramides Florença, protagonista de sua história, vocaliza dores ressignificadas à medida que expõe uma relação marital que outrora se configurou um conto de fadas, mas que com o tempo, o homem que ela permitiu gerar um filho com ela, mostrou seu caráter nefasto e egoísta para com ela. O comportamento do pai de Emildes Florença, o filho amado de Aramides, reflete uma formação machista, patriarcal e abusiva, embora camuflada de início sob a égide do amor. Quando o homem não tem seus desejos carniais atendidos por sua esposa, o mesmo retira a pele de carneiro que cobria sua verdadeira essência de maucaratismo e passa a ser o lobo adormecido dentro de si e daí advêm as agressões que

culminam no estupro de sua esposa, em seguida abandonada com seu filho. Evaristo deixa marcada no início do texto a sua condição de igual à personagem, assim como se coloca como simples ouvinte, complacente a respeito do que irá escutar e sem pretensão de ser juíza, propondo-se a ser empática com a sua igual, Aramides.

A escrita de Evaristo busca a valorização da cultura e saber ancestral, para tanto apresenta uma passagem na qual amigos e parente de Aramides fazem prognósticos da respeito do sexo do filho de Florença, já que esta e seu esposo não quiseram fazer uso dos saberes científicos para saberem o sexo do filho, preferindo assim a surpresa do nascimento e consequentemente a descoberta pela via tradicional. Os prognósticos se davam pelos seguintes métodos da tradição popular:

Garfos e colheres se transformaram em objetos adivinhatórios nos lugares onde a mãe deveria assentar-se. Se procurar cadeira onde está o garfo é um menino...Se buscar colher... O ânimo dela também era lido como vestígio de indicação de sexo do rebento. [...] Não havia quem não tivesse um olho de lince, mais potente do que o da ultrassonografia, que, ao contemplar o formato da barriga de Aramides, não conseguisse emitir as suas certezas adivinhatórias. (EVARISTO, 2016. p 12)

Assim, Evaristo promove um resgate e valorização dos saberes populares validados pela prática cultural. O processo da maternidade que o texto de Evaristo traz possui uma importância grande, pois o mesmo aborda as transformações naturais pelas quais passa o corpo da mulher durante a gestação e seus reflexos no psicológico da mesma. Tais mudanças do corpo de Aramides são colocadas como motivos de alegria já que a grávida, numa posição narcisística, diante do espelho fica encantada com o que enxerga: “Tudo nela aumentava. O volume de cabelo, a sobrancelha e até uma pequena verruga debaixo do braço”. (EVARISTO, 2016. p. 14). Percebe-se que não há um cultuar por um padrão de beleza estabelecido socialmente por parte de Aramides, mas o desencadear do comportamento do marido acontece com tais transformações corporais, principalmente com o crescimento do bebê que impede que a mãe mantenha relações sexuais com o homem, o que gera um sentimento de perda neste, o qual passa a maltratar a mulher fisicamente na tentativa de atingir o filho que tirou dele sua esposa e seus prazeres ainda na barriga.

Assim, o homem deixa lâmina de barbear na cama para que a esposa ferisse a barriga; ao abraçá-la por trás utiliza um cigarro para queimar a barriga da mulher, atos estes dissimulados por falas que afirmavam não serem ações premeditadas, mas que estavam no campo do acidental. Essa parte de maus-tratos da história evidencia a falta de sensibilidade de um homem que não consegue enxergar que um filho é a extensão do corpo de uma mulher e

que merece apoio e cuidados específicos. A sanha sexual não deve ser maior que a necessidade de proteção e carinho que mãe e filho precisam. Ainda sobre a incompreensão do marido sedento por sexo e que tem a mulher como objeto de satisfação de seus insanos desejos, o conto é fechado com a fala de Aramides narrando como o marido tira seu filho dos braços durante a amamentação, jogando-o no berço e depois violentando-a como um animal devora sua presa fazendo-a sangrar e depois de saciar-se vai embora deixando os restos que o mesmo não quer mais.

Este relato final denuncia o caráter nefasto do ser humano, sua mediocridade e as consequências de uma educação falocêntrica na qual o homem precisa ser atendido em seus desejos e a mulher deve a ele ser submissa nem que para isso tenha que usar a força bruta. Portanto, o conto nos alerta para uma necessidade de uma educação baseada na reciprocidade, no respeito ao outro e suas idiossincrasias.

A segunda mulher que Evaristo abre espaço para que conte sua história é Natalina Soledad, a mulher que criou o próprio nome, fato que despertou o desejo de escuta da escritora como a mesma afirma no início do texto.

A fala de Natalina Soledad traz ao debate o discurso do sexismo, preconceito contra mulheres, o machismo e a masculinidade tóxica, pois Natalina foi a única mulher dos sete filhos de seus pais. Seu nascimento fere a ideia de masculinidade e virilidade do homem que pensa que só gera como filhos indivíduos do sexo masculino, caso contrário, existe uma fraqueza ou problema que só pode ser atribuído à esposa.

O nome de nascimento de Natalina Soledad, dado por seu pai, tomado pela raiva e desconfiança de traição é Troçoléia Malvina Silveira, o qual em um jogo semântico sugere que Troçoléia vem de troço e Malvina vem de mau/ruim. Evaristo traz em seu texto o recorte narrativo que aborda o pensamento machista e preconceituoso que diminui a mulher em sua condição humana, como se o fato de ser mulher configure em algo ruim menos importante:

E ele, o neto mais velho, que tanto queria retomar a façanha do avô, vê agora um troço menina, que vinha ser sua filha. Traição de seu corpo? Ou, quem sabe, do corpo de sua mulher? Traição, traição de primeira! De seu corpo não podia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina. Sua mulher devia ter se metido com alguém e ali estava a prova. (EVARISTO, 2016. p. 20)

O trecho acima sinaliza o obscurantismo machista e o quanto a mulher sempre fora desvalorizada e desrespeitada.

Seguindo o padrão social, Arlindo Silveira Neto faz o registro da filha, mas a renega de carinho, afeto e atenção, assim como o faz com sua esposa por acreditar em uma possível

traição. A mãe de Natalina, dependente financeira de seu marido, sem autonomia, também renega sua filha tomando o mesmo posicionamento do marido. Aqui estamos diante de uma denúncia social que a autora externa sobre uma masculinidade tóxica e subjugação da mulher como inferior.

Diante de tanta renegação e desprezo por todos da família, Natalina só tem apoio e carinho da doméstica da casa, Margarida, a qual era explorada em trabalhos extenuantes e com baixo salário, o que a leva a sair do trabalho – está posta a questão trabalhista e os resquícios da escravidão que explorava homens e mulheres em tarefas árduas em troca de ínfimos alimentos.

É por toda a renegação familiar que nasce o desejo de trocar de nome, fazendo nascer Natalina Soledad, que simboliza o renascimento e uma nova jornada de solidão. Já que com o novo nome, Natalina quis cortar todos os laços que poderiam lembrar a família que a rejeitou chegando até abrir mão da herança deixada pelo pai. A partir do nome novo nasce uma nova mulher ressignificada, insubmissa e com novo caminho a ser trilhado.

Shirley Paixão é a terceira mulher que Evaristo nos apresenta. A história de Shirley Paixão, mãe solo abandonada com duas filhas, tem como foco de abordagem a paixão e amor de uma mãe por seus filhos naturais e adotados pelos quais a mulher é capaz de doar a própria vida se necessário for.

Shirley Paixão é o perfil de mulher mãe bem comum na sociedade, aquela que tem filhos e que por alguma circunstância segue a vida sozinha na criação deles. Em sua narrativa ela conta sua luta com o homem que foi seu segundo marido, o qual tinha três filhas, frutos de outro relacionamento. O homem era um abusador infantil que violentava a filha mais velha e a mantinha sobre pressão psicológica.

A menina violentada chama-se Seni, muito introspectiva por conta do abuso sexual que sofria. Diante do silêncio de Seni, Shirley Paixão coloca em prática a sororidade tão necessária, em especial entre mulher que por alguma razão passa por um tipo de opressão e necessita de alguém que tenha melhor compreensão do que é ser mulher e viver situações que só a experiência de outra igual faz com que se tenha efeito compreensivo de fato.

Nos primeiros tempos de nosso convívio, era mais caladinha ainda. Respeitei sua pouca fala, imaginei saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe. Ao pai faltava paciência, vivia implicando com ela. Via-se que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. Eu percebendo a dificuldade da relação dele com a menina, procurei ampará-la, abrigá-la mais e mais em mim. Imaginava a falta que ela sentia da mãe. (EVARISTO, 2016. p. 29)

Com o desenrolar da história a pouca fala de Seni se justifica pelo medo e coerção sofridos através do pai abusador, o qual sempre violentava a filha a noite tirando-a do quarto onde dormia com a irmã. O ato de violência foi descoberto no dia em que o pai tentou o abuso no quarto das crianças e Seni já encorajada, certamente com o convívio com Shirley, enfrentou o medo e gritou por socorro colocando fim à tortura paterna, pois agindo em socorro da filha, Shirley Paixão utilizando uma barra de ferro golpeia o agressor com sucesso.

O que se tem com o relato acima é a compaixão feminina diante da dor entre si, denunciando-se do abuso sexual infantil e alertando para o perigo que muitas crianças passam no seu próprio lar, por quem deveria ser seu maior protetor, o pai. Por outro lado, o conto traz o lado heroína da mulher que não mede esforços para defender a vida de suas iguais, mostrando que mulher não é sexo frágil, mas que é capaz de se defender e ajudar outras dos perigos que estão entranhados na sociedade e precisam ser extirpados. Shirley Paixão, apesar de ter que enfrentar a justiça pelo ato de coragem em defesa de sua filha, teve êxito com suas meninas: três deram netos para ela; Seni e a mais nova morando com ela. Com resiliência e luta, Seni tornou-se médica pediátrica.

Para a quarta narrativa temos Adelha Santana Limoeiro. Evaristo usa do conhecimento ancestral para explicar o nome da personagem, ao lançar mão das memórias de infância e comparar a imagem de Santa Ana, a santa velha, a mãe de Nossa senhora, a avó de Jesus, com a qual Adelha Santana Limoeiro mantém semelhança a partir do sobrenome *Santana*, a Santa negra. Assim, Evaristo diz que

Buscando assegurar ainda mais validade de meu invento de semelhança para lá e aparência para cá, na ideia de sincretismo, encontrei a solução. Confundi tudo. Adelha Santana Limoeiro, negra, poderia, sim, lembrar a santa branca, a Santana, pois a avó de Jesus aparece sincretizada com Nanã, mito nagô. Misturando a fé, fiz a amalgama possível. Pisei nos dois terrenos, já que Nanã é também velha. Adelha Santana Limoeiro é Nanã, aquela que conhece o limo, a lama, o lodo, onde estão os mortos. (EVARISTO, 2016 p. 35-36)

O trecho acima mostra a maestria da autora em trazer a questão do sincretismo como instrumento de representação de figuras negras em igualdade com figuras não negras com grande valoração social. Neste caso, a figura de Adelha é elevada à condição de “Santa”, líder e conhecedora dos processos humanos, sejam eles referentes à vida ou à morte.

A história de Adelha traz à tona a sabedoria da mulher que consolidou seus saberes ao longo do tempo e tem o reconhecimento da finitude do ser humano, de que se tem um prazo de validade da estrutura e forma física, restando a nós reconhecermos nosso processo de vida

em suas fases: nascer, crescer, reproduzir e morrer (lembrando que existem os que não seguem ou alcançam tais fases diante das nuances da vida).

Porém, a grande questão encontra-se em seu marido que não aceita a sua falta de vigor físico sexual e busca fora de casa relacionamentos que venham a solucionar seus desejos, porém seu corpo já envelhecido e sem vigor da juventude não corresponde.

Está em pauta a valorização da virilidade masculina que é colocada como de suma importância e definidora do que de fato seja o homem, pois quando o homem não mais tem a capacidade para o ato sexual é como se ele deixasse de ser importante ou de ser homem, revelando-se mais uma vez o pensamento social falocêntrico.

Evaristo com bastante sutileza levanta a questão do sexo na velhice e o matrimônio duradouro com a narrativa de Adelha. Traz um homem que não aceita a velhice, tem o sexo como símbolo máximo da masculinidade, do ser homem, e transpõe o insucesso sexual à mulher. Em contrapartida, para Adelha, mulher sábia e conhecedora que somos seres com prazo de validade fisicamente, envelhecer é o caminho e o processo natural da vida.

Portanto, a figura feminina é representada de maneira soberana, pois conhece a essência humana e se mostra superior ainda diante daquilo que não se pode mudar, a velhice. A sabedoria da personagem Adelha é tamanha que ela faz o seu companheiro perceber suas limitações fora de seu casamento quando “libera” seu marido para buscar em outra mulher mais nova o saciamento sexual que talvez ela seja o elemento inibidor da libido.

E, fingidamente, inventei estar em mim uma limitação que não era e nem é a minha. Quem sabe, não estaria no meu corpo a causa de sua anunciada morte? Quem sabe não viria de mim a causa de um desejo tão amolecido dele? - perguntei, ou melhor, quase afirmei para ele. E, desde então dei asas ao velho para que ele, na ignorância, na teimosia, no orgulho ferido de macho, voasse em busca daquilo que não se recupera, o vigor da juventude. (EVARISTO, 2016. p. 40)

O velho vai em busca de prazer e o corpo responde de maneira negativa, passa mal ainda na casa de outra mulher mais jovem, mas quem vai socorrê-lo é a esposa que arca com as despesas do lugar e permanece cuidado do velho na casa alheia já que por vergonha o velho não quis voltar a sua casa.

Para finalizar a grandeza e força de Adelha diante da vida e seus caminhos imutáveis, ela nos diz: “Eu quero viver a grandeza de minha velhice e estou conseguindo sem mentiras, sem falsos remédios. Não quero me iludir com a cruel promessa da devolução de um tempo que já passou” (EVARISTO, 2016. p. 40).

Maria do Rosário Imaculada dos Santos nomeia a quinta história recontada por Evaristo. Assim, tal história tem como plano de fundo a narrativa de uma mulher de família católica fervorosa, o que explica seu nome formado por nomes de santas da Igreja Católica.

A personagem é pertencente a uma família numerosa na qual moram juntos em diversos graus de parentescos: pai, mãe, avós, tias, tios, etc., o que nos apresenta um conceito de família diferente do tradicional que se resume ao núcleo pai, mãe e filhos, o que já transgride o modelo de família idealizado pela sociedade.

Maria do Rosário conta sua história de vida, que consiste em seu sequestro, quando era criança, por um casal originário do Sul do Brasil. É mais uma história que aborda um problema social, o rapto de crianças, causando dores e traumas tanto nas vítimas quanto em sua família.

O sequestro de Maria do Rosário não foi apenas físico, mas também de sua cultura, costumes e modos de vida – sua identidade –, pois em terras alheias Rosário foi silenciada, não falando sobre sua vida pregressa. Dessa forma, nota-se a questão da tentativa de apagamento identitário violento provocado a partir do silenciamento do indivíduo que não fala e nem ouve sua história e a história de seu povo. No relato de Rosário fica evidente que ela levava uma vida encerrada dentro de casa, de maneira que para aprender a ler e escrever havia uma pessoa com tal propósito, já que o ambiente escolar lhe foi negado.

Um fato interessante que mostra a força de não se entregar ao esquecimento que Rosário nos conta é que, para não deixar morrer por completo sua identidade, seu passado, suas referências a mesma contava para si mesmo sua história, assim ela fala:

todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, com o passar do tempo, com desespero eu via a minha gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. (EVARISTO, 2016. p. 47-48)

A narrativa de Rosário externa o processo de isolamento social que foi submetida vivendo em uma casa na companhia de um cãozinho, uma moça responsável pela casa e pelo ensino escolar de Maria do Rosário, além de orientação sobre o processo de amadurecimento corporal da menina como, por exemplo, a chegada do período menstrual. É intrigante que os sequestradores não mantiveram uma relação direta com a menina já que viviam viajando, o que leva o leitor a questionar sobre qual a real intenção do rapto.

Também é abordada a questão do trabalho infantil, já que Rosário passa a morar com parentes do casal que sequestraram-na. No novo lar, Rosário teve que aprender a trabalhar

duro cozinhando, passando roupas e cuidando de crianças. Antes, Maria do Rosário tinha um rádio que servia para conectá-la ao mundo externo, mas no novo lar o rádio foi proibido de ser ligado para evitar o gasto com energia e distração no trabalho. Tal acontecimento marca mais uma vez um isolamento da menina e a exploração física trabalhista.

Todas essas dificuldades colocadas serviram de suporte e fortalecimento de Rosário enquanto mulher, que se tornou senhora de sua vida tomando decisões que achava melhor para sua vida. “Namorei, casei, descasei, algumas vezes. Filhos nunca tive, evitei e, as vezes que engravidei, não deixei chegar ao término. Não queria ter família, tinha medo de perder os meus” (EVARISTO, 2016. p. 51).

Um dado interessante na narrativa que Evaristo apresenta é a comparação metafórica do rapto de Maria do Rosário com o rapto acontecido com nossos irmãos e irmãs africanos/as no tempo da escravização, quando pessoas eram arrancadas de suas terras, de suas raízes, de seu povo e levadas violentamente para outras terras, sendo submetidas a trabalhos forçados e também levadas ao silenciamento e apagamento identitário. Mas aparece na história de Rosário a virada de chave que modifica sua vida e a mantém motivada a viver: os estudos.

Foi participando de uma palestra sobre desaparecimentos, sequestros, sumiços e fugas de crianças, atividade ligada ao colégio que estudava, que Rosário, ouvindo o relato de sua irmã contando sobre o seu rapto, pode voltar aos braços dos seus familiares de onde um dia foi cruelmente arrancada, tendo sua vida e destino devastados pela dor de crescer longe dos seus, de suas referências familiares.

Seguindo as histórias recontadas por Evaristo, temos agora o relato de Isaltina Campo Belo, neta de escravizados e que tem orgulho da história de seus antepassados, suas lutas e suas vitórias. Isaltina é negra, mãe solo de uma moça, Walquíria.

Como sempre Evaristo apresenta de maneira ressignificada a relação familiar de Isaltina, pois mesmo diante de tantos percalços o poder de se refazer e ser forte está intrínseco à personagem. Por ser descendente de escravizados poderia aparecer uma visão apenas de sofrimento, mas o que é colocado é um sentimento de orgulho e respeito à trajetória dos que se foram, os quais com muito labor, perseverança e desejo de transformação conseguiram sair da condição de escravizados comprando a própria alforria e a dos seus parentes. Toda essa saga por liberdade criou nos descendentes um orgulho do que fora construído pelos antepassados, servindo de inspiração de luta na vida.

A história de Isaltina também contribui significativamente para o debate acerca de gênero e violência sexual dentro de uma sociedade machista e racista, como é a nossa. Isaltina

relata que desde pequena se sentia diferente, pois se sentia menino e dúvidas pairavam em sua mente sobre seu nome, sua vestimenta e o tratamento a ela dado, ou seja, se sentia menino, mas tinha nome de mulher, vestiam-na como menina e a tratavam como menina, conclui ela: “estavam todos enganados”.

A fala de Isaltina nos denuncia a falta de orientação/educação sexual e também o tabu em se falar de sexo ou assuntos relacionados às partes íntimas, fruto de uma educação tradicional condenadora na qual tais assuntos não devem ser discutidos ou ensinados às crianças. Um exemplo é a menstruação, que não é falada até que aconteça, ou seja, em muitos casos não há uma preparação da menina para tal momento e isso é falado por Isaltina:

Sobre menstruação e outros assuntos relativos ao sexo, não sabíamos nada, além do que descobríamos por conta própria. Esses assuntos e mais alguns eram segredados entre mulheres adultas da família. Porém com a chegada do sangue mensal de minha irmã, a escorrer pelas suas pernas, houve para nós uma ligeira entronização nas conversas das mulheres mais velhas. (EVARISTO, 2016. p. 60)

Um dos aspectos mais fortes na história de Isaltina é que ela não se reconhecia mulher e tal fato a fez mudar de cidade em fuga das tão conhecidas cobranças sociais que colocam os indivíduos em um padrão: menina namora com menino e vice-versa, mas Isaltina não se enquadrava nessa receita pronta. Se apresenta aí uma questão de gênero e que provoca dores nas pessoas que têm identificação com um gênero diferente do sexo biológico com que nasceu. Ajustar isso aos padrões sociais é complexo e doloroso.

A narrativa traz mais uma vez o problema do machismo que é como o racismo na sociedade, isto é, estrutural. Aparece quando Isaltina é estuprada coletivamente por seu namorado/amigo e outros amigos dele. Tal estupro vem depois que a personagem conta ao namorado que se sente um menino e ele querendo provar que poderia fazer dela uma mulher planeja o crime. Esse amigo de Isaltina representa parte da sociedade machista e preconceituosa que não aceita a diversidade entre as pessoas e seu direito de ser quem é fora dos padrões estabelecidos socialmente.

Isaltina por ser negra também sofre racismo e fetichização por conta da pele. O pretenso amigo ao tomar conhecimento da condição de Isaltina diz que a ela iria ensinar, despertar e fazer dela mulher, pois ele tinha certeza do fogo dela, afinal, ela era uma mulher negra. Aqui o racismo e o preconceito de gênero ficam configurados.

O ato do estupro coletivo sofrido por Isaltina é o ápice da narrativa, um momento de externalização extrema de dor e destruição da personagem, mas desse episódio de sofrimento nasce a filha de Isaltina, Walquíria, uma flor que brotou no jardim de cinzas que a vida de

Isaltina se tornou. Walquíria foi a chance de recomeçar da mãe, a oportunidade de transformar o infortúnio do estupro em amor e resignificação, e assim acontece.

Na parte final da narrativa, Isaltina fala de sua sexualidade ao se encantar com a professora de sua filha, Miríades. Um momento que Isaltina se permite amar alguém verdadeiramente. Assim ela narra seu momento de permissão:

Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam. Busquei novamente o olhar daquela que seria a primeira professora de minha filha e com quem eu aprenderia também a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma. O olhar dela continuava a chamar pelo meu. Respondi ao momento. O tempo de todos os dias nos conduziu, enquanto eu conduzia Walquíria para a escola. E todos os dias passaram a ser nossos. Como um chamamento à vida, Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve. (EVARISTO, 2016. p. 67)

O início da escolarização de Walquíria marca também o início do relacionamento de Isaltina e a professora Miríades e juntas formaram uma família feliz. Uma constituição familiar que quebra paradigmas sociais que nos apresenta outra forma estrutural de família, e ao mesmo tempo, faz pensar que existe várias formas de amar e ser feliz fora do padrão estipulado pela sociedade tradicional.

A sétima história que Evaristo nos presenteia é a de Mary Benedita. Mulher negra que desde a criança almejou conquistar o mundo não aceitando o lugar pequeno do interior onde nasceu e que não oferecia suporte aos seu imaginário de crescimento cultural. Alçar voos foi sempre sua meta. Mary era uma menina inquieta e que nas aulas de geografia perdia-se no tempo traçando rotas a partir do mapa-múndi e do atlas:

Havia, porém algo que me freava e me deixava quieta, extasiada. Era a contemplação do mapa-múndi. Eu gostava de *ibudissar* sobre o tamanho do mundo. Toda e qualquer lição de geografia, que trouxesse a possibilidade de pensar a extensão da terra, tinha o efeito de amainar os meus desesperados atos de correria. Calmamente, então, eu traçava roteiros de viagens. E me quedava durante horas inteiras, com um atlas na mão, imaginando percursos sobre infinitos caminhos. (EVARISTO, 2016. p. 71)

A narrativa de Mary Benedita evidencia a ideia que não há um lugar determinado para o indivíduo e que ele é capaz de ir aonde quiser em prol da realização de seus sonhos e desejos de transformação. Sabemos que existem fatores sociais que insistem em querer manter determinados grupos sociais em posição de subalternidade, mas a luta e organização social é

capaz de driblar o sistema, e os indivíduos alcançam espaços que lhes são negados mesmo que seja de maneira limitada.

Mary Benedita, mulher negra, torna-se uma poliglota de maneira autodidata e tal conhecimento aparece ao longo de seu relato com palavras de vários idiomas misturados nas frases em português marcando uma característica linguística da personagem. Mary faz parte de uma família numerosa quanto à quantidade de filhos, a sétima de dez filhos. Filha de pais lavradores.

A personagem vai de encontro ao determinismo de conformação ao ambiente do qual tem origem, já que com sua inquietude e desejo de conhecimento a lança ao mundo. A filha de lavradores se tornou uma mulher sábia, dominadora de alguns idiomas:

Além do português, sabia falar com desenvoltura: inglês, francês e espanhol. Tinha, ainda um conhecimento relativo em línguas africanas, como o kimbundo e o suahile, da mesma forma que falava sem muitas dificuldades, o grego e o árabe. Conhecia também muito do vocabulário norueguês e tcheco, assim como a estrutura linguística e gramatical desses idiomas. (EVARISTO, 2016. p. 69-70)

Possuía também habilidades nas artes plásticas com pinturas de quadros e tocava piano. Ou seja, o fato de nascer em uma família de lavradores descendentes de escravizados não foram fatos negativos determinantes da vida de Mary, mas foi um alimento para que ela buscasse o que deseja para si. Rompeu a insígnia da miserabilidade e forjou o próprio futuro, apresentando-se uma mulher forte e senhora de seu destino, apesar do sistema social perverso e sequestrador de sonhos dos oprimidos.

O relato de Mary Benedita é carregado de saberes populares definidores da identidade cultural de seu povo. Traz elementos da religiosidade como a fé que a mãe em Nossa Senhora das Graças, o hábito da avó em rezar o terço em voz alta, a figura da benzedeira na cidade, o hábito de ouvir histórias contadas pelos mais velhos etc. Evaristo traz todos esses elementos da fala de Benedita com bastante definição da força da cultura africana presente na família da personagem e na cidade Manhãs Azuis, onde Benedita morava.

Manhãs Azuis era pequena e limitada demais para que os sonhos de Benedita fossem realizados e, por conta disso, ainda criança, ela inventa está doente para que pudesse ir à capital, Horizonte Aberto, para ser tratada, mas na verdade o que queria era morar na capital e ter oportunidade de realizar seus desejos de expansão. Tem êxito no intento.

Tia Aurora, moradora da capital, professora de música, serviu de trampolim para que Benedita alçasse voo mais rapidamente e permanecesse na capital onde teve contato com outras culturas e saberes diversificados. Morar na capital não era a vontade dos pais de

Benedita, de maneira que ela permaneceu na cidade grande graças ao apoio e articulação da Tia Aurora, que tem uma mentalidade mais aberta e acolhedora dos sonhos de Benedita. A cidade grande aparece aí como espaço de maiores oportunidades e acesso a culturas diversificadas e acessível a todas as pessoas, mas não queremos com esse dado levar ao pensamento errôneo de que nas cidades pequenas os conhecimentos existentes e produzidos não sejam válidos, assim como a cultura local. O intuito é evidenciar que nos grandes centros o acesso à diversidade cultural é maior, aspecto que a narrativa de Benedita confirma.

E assim a minha vida foi se fazendo. Naquelas férias mesmo, comecei a acompanhar a Tia Aurora, quando ela ia às casas dos alunos e ao Conservatório de Música dar aulas de piano, violino e arpa. Eu vivia de novidades em novidades.

[...]

Frequentei aulas de inglês, a partir de um acordo feito entre Tia Aurora e o diretor do curso. Ela ensinava ao menino harpa, sem cobrar e eu frequentava o curso da English School, sem despesa alguma. (EVARISTO, 2016. p. 77)

No relato de Benedita percebe-se que Tia Aurora foi uma figura diferencial na vida de nossa personagem em análise, pois através da arte transformou sua vida. Tia Aurora reforçou habilidades de Benedita, além de promover educação doméstica: ensinamento sobre as transformações corporais da mulher, a chegada da menstruação como marco de amadurecimento, ensinamentos estes que não foram passados a Isaltina, personagem da história anterior aqui analisada.

A educação recebida por Mary Benedita é um marco de sucesso e formação cidadã, além de empoderamento do ser mulher consciente de si e do mundo com suas possibilidades. O ato de ensinar por parte das mulheres dentro da família de Benedita é tradição de outros tempos, além mar, atravessando gerações. Por exemplo: o conhecimento sobre a extração de tinta das plantas vem do saber ancestral da família, dominado pelas mulheres, de modo que graças a ele que Mary Benedita cria as próprias tintas artesanais para pintar seus quadros. Assim, a ancestralidade sobre o trato com a natureza e suas benesses é descrita por Benedita:

Experimento muito, principalmente o material de pintura. Crio as minhas próprias tintas de maneira bem artesanal. Aprendi com as mulheres de minha família a extrair sumos das plantas. Cresci vendo minha mãe macerar folhas para tingir nossas roupas. Tínhamos um guarda-roupa naturalmente colorido. Aprendizado que ela herdou de minha avó, que já havia recebido esse legado de outras mulheres mais antigas ainda, desde o solo africano. (EVARISTO, 2016. p. 79)

Tão grande é a importância da pintura na vida de Benedita que ela faz uso também do próprio sangue menstrual como matéria-prima de criação. Seu corpo é a fonte inspiradora de sua pintura, o corpo enfim como matéria-prima de sua arte:

Entretanto, há uma pintura que nasce de mim inteira, a tinta também. Pinto e tinjo com o meu próprio corpo. Um prazer táctil imenso. Uso os dedos e o corpo, abduco do pincel. Tinjo em sangue. Navalho-me. Valho-me como matéria-prima. Tinta do meu rosto, das minhas mãos e do meu íntimo sangue. Do mais íntimo sangue, o menstrual. Colho de mim. Bordo com o meu sangue-útero a tela. (EVARISTO, 2016. p. 79-80)

A citação acima representa a arte como plano de vida, onde o artista incorpora-se à arte e vice-versa, e, nesta simbiose entre criador e criação a essência do ato de expressão humana acontece de maneira sublime e quase inexplicável.

É chegado o momento da oitava história: Mirtes Aparecida da Luz. Mais uma mulher negra resiliente que tem espaço para falar e apresentar um episódio de sua vida através da escrivência de Conceição Evaristo.

A história de Da Luz passa pelo âmbito das pessoas com deficiência e que são vistas como limitadas pela sociedade a partir de sua condição específica causada por determinada deficiência. Da Luz nada tem de limitação além do fato de não enxergar, mas de tudo ela é capaz de fazer como qualquer outra pessoa que tem a visão: cuidar da casa, da preparação dos alimentos e cuidar da filha. A ação de enxergar é realizada de outro modo, fica a cargo das mãos através do tato e da escuta apurada, além da sensibilidade de percepção:

Só acreditei que Da Luz (a maneira pela qual ela gosta de ser chamada) não estava me enxergando do mesmo modo como eu a via, quando pedi licença para tocar o meu rosto e segurar as minhas mãos, para saber realmente com quem estava falando. E, depois de suaves toques sobre os meus cabelos, meus olhos, minha boca, e de leves tapinhas sobre minhas mãos, concluiu que eu estava tensa. (EVARISTO, 2016. p. 81)

Vivemos em uma sociedade altamente excludente, e por isso não possuir a visão comum é sofrer exclusão por muitos da sociedade que pensam que o indivíduo cego não é completo, sendo portanto incapaz de ter uma vida como os demais membros da sociedade. Esse pensar de incompletude e também preconceituoso lançados às pessoas que não têm a capacidade de enxergar da maneira convencional causa grande receio no marido de Da Luz quando ela fica grávida. O esposo passa a temer como seria a criança e o que poderia herdar da mãe. O contexto narrativo leva-nos a crer que o temor do pai é que a criança nascesse cega igual a mãe.

Da Luz em seu relato nos apresenta a grandiosidade de ser mãe de uma linda menina, Gaia Luz, mas ao mesmo tempo externa a profunda dor em ter perdido seu marido que cometeu suicídio no dia do nascimento de sua filha. O motivo do esposo tirar a própria vida, Da Luz não sabe, mas deixa claro a angústia do homem em saber se a filha nasceria como a mãe, cega, condição que não tirava a completude de mulher, apenas era diferente. Ao homem talvez essa completude da esposa não era compreendida ou vista e provavelmente a possibilidade de ter uma criança com as mesma condição visual o tenha levado a suprimir a própria vida para não lidar com essa incompletude que só a ele pertencia.

Gaia nasceu com a simbiose do pai e da mãe

Dizem que ela se parece muito com o pai. Concordo, embora o feitio de corpo e o tom da pele mais enegrecido deixem Gaia um pouco parecida comigo. Mas tudo em minha filha, o timbre de voz, o tom cantante da fala, a longa silhueta, o gosto pela astronomia, é para mim a memória continuada do pai na pessoa dela. E mais, muito mais, a minha filha herdou dele. Os belos olhos acastanhados escuros do pai brincam no rosto de minha filha, dizem todos, e conduzem a visão independente dela. Gaia enxerga como você. (EVARISTO, 2016. p. 85)

O recorte de Da Luz em sua narrativa apresentado por Evaristo nos alerta para o problema da não aceitação do diferente, mas acima de tudo nos apresenta a grandeza e sabedoria feminina que consegue conduzir de olhos literalmente fechados a própria vida e a vida dos seus diante dos obstáculos. A narrativa trata também do autoconhecimento e da aceitação da personagem de seu ser e estar no mundo. Uma parte incompleta, os olhos sem luz, não pode definir o todo, pois é a mente sadia e um corpo saudável que fazem a completude do ser. Da Luz era completa por ter consciência de si enquanto mulher, ser humano, e não pela parte imperfeita que carregava consigo, os olhos incapazes de enxergar.

A nona história é de Líbia Moirã. Trata de traumas da infância e suas consequências até a vida adulta. Conceição Evaristo, sempre perspicaz na escuta e na escrita, nos apresenta Líbia Moirã como uma mulher reticente em contar sua própria história para que seja depois escrita, talvez por autoproteção. Assim, Líbia foi a única mulher que mostrou-se cautelosa em contar sua história.

Ainda no berço, Líbia assiste, por descuido da família, o nascimento de seu irmão caçula e a cena desencadeia um pesadelo que acompanharia a vida da personagem, causando-lhe dor e sofrimento.

Essa história possui um viés psicológico muito forte alertando para os cuidados necessários que as crianças precisam ter como proteção de sua saúde mental, evitando traumas de infância que certamente terão efeitos danosos na vida adulta. Desta maneira, no

conto de Líbia é narrado o sofrimento da personagem sendo perseguida por um pesadelo que consistia em “uma coisa grande saindo de um buraco pequeno externo a ela, mas que lhe causava uma profunda sensação de dor”. Tal pesadelo só foi entendido quando a personagem tinha idade avançada e por um *insight* conseguiu fazer ligação entre o pesadelo e o fato de ter presenciado o nascimento de seu irmão.

[...] foi logo depois que ele soprou a vela e cortou o primeiro pedaço de bolo. Significativamente, o primeiro oferecimento foi para a mulher dele, que, ao receber ofereceu à filha, a única do casal, que, me tendo como tia preferida, por sua vez, ofereceu a mim. Quando me vi com o pedaço de bolo nas mãos, eu, que nunca pensei na maternidade, desejei ter um filho. Seria a ele que eu ofertaria o primeiro pedaço de bolo, sempre. A imagem desse filho, pela primeira vez desejado em minha vida, se confundiu com o rosto do meu irmão caçula. E, ao me voltar para ele, no momento exato em que lhe entregava o bolo, que havia saído das mãos dele e retornava para ele, vi e compreendi tudo. (EVARISTO, 2016. p. 93)

Por ser prematuro, o irmão de Líbia teve dificuldade para nascer, assim a coisa grande saindo de um buraco pequeno era o irmão de Líbia e a sensação de dor foi o sofrimento que a mãe deles passou para dar à luz. A cena presenciada por Líbia muito pequena causou-lhe o trauma já mencionado.

Nesse ínterim de presenciar o nascimento do irmão e resolver o trauma causado está a vida de Líbia marcada por tentativas de suicídio e incompreensões por parte da família e amigos, pois quando tinha o pesadelo, sempre recorrente quando dormia, a pequena Líbia buscava abrigo no quarto dos pais, mas estes não ofereciam acolhimento à filha colocando-a para fora do quarto e ainda tinha que aguentar o *bullying* dos irmãos que faziam piadas sobre ela e o pesadelo.

Um fato interessante frisado no conto é o perfil da personagem: mulher negra, estudiosa, concluiu o curso superior em economia, contratada por uma grande empresa após estágio de sucesso. Como já discutimos, esse perfil não é comum ser visto nas narrativas com personagens negras, porém Evaristo com muita naturalidade faz um resgate do povo negro dos porões da sociedade e da história e lança em lugar de destaque e importância social, ressignificando a representação de grupos (negros, mulheres) historicamente subalternizados dentro da literatura.

Para finalizar o conto, somente o resgate no inconsciente foi capaz de solucionar o sofrimento de Líbia Moirã causado pelo pesadelo. E Líbia nos explica sua superação e entendimento de seu pesadelo:

Uma volta no tempo me permitia significar um sofrimento que eu vinha carregando a vida inteira. Eu tinha visto meu irmãozinho nascer. Pequena, de pé, agarrada ao berço, no qual eu dormia, no quarto de meus pais, assisti a todo o trabalho de parto de minha mãe. O neném estava nascendo antes do tempo. Os grandes, devido à gravidade do momento, se esqueceram de minha presença. Minha mãe sangrava e gritava. Eu, abandonada por todos no berço, perdida em algum lugar indefinido, sozinha e vendo alguma coisa grande, muito grande, querendo sair de um buraco muito pequeno. O movimento dessa coisa grande rompendo o buraco pequeno era externo a mim, mas me causava uma profunda sensação de dor. (EVARISTO, 2016. p. 93-94)

Quanto sofrimento pode ser notado em tal narrativa enfrentado por uma criança até sua vida adulta, mas que não foi impedimento limitante para que Líbia se fizesse uma mulher forte e bem sucedida, insubmissa às adversidades que a vida lhe colocou.

Prosseguindo na obra de Evaristo, espaço para vozes negras ecoarem suas dores, superações e conquistas, chegamos à décima narrativa protagonizada por Lia Gabriel. Trata-se de uma história, assim como tantas outras de nossa sociedade, de mães/mulheres que por seus filhos e filhas esquecem da dor pessoal, seja física ou psicológica, para proporcionar bem estar aos seus. Lia Gabriel é um exemplo de mulher que, apesar das dores e feridas causadas ao longo da vida, se refaz e se ressignifica por si e por aqueles que dela necessitam.

Mais uma vez Evaristo traz uma história retratando temas de grande clamor social em prol do desenvolvimento humano: violência doméstica, sanidade mental e transtornos psicológicos relacionados à infância.

Lia Gabriel narra a história de sua família marcada pela violência cometida por seu marido contra ela e presenciada por seus filhos. Uma rotina certamente bastante conhecida dentro de algumas famílias brasileiras. Em um dos episódios de violência doméstica, Lia e seu filho mais novo, Gabriel, são agredidos pelo esposo e pai. Por conta deste acontecimento, Lia foge para casa de sua mãe, onde é acolhida por sua igual em sinal de hospitalidade, acolhimento e sororidade feminina. Foi na casa da mãe que Lia teve abrigo e proteção.

Como é de se esperar, o evento de violência causa traumas em Gabriel, criança que tinha apenas dois anos de idade. Tal acontecimento faz nascer na criança um monstro imaginário que o torna uma criança violenta contra si mesma e que faz a mãe buscar ajuda por temer algo maior de ruim contra a vida do filho. Em tratamento psicológico acabam descobrindo que o mal da criança residia nas lembranças e traumas causados pelo ato violento do pai, este havia dado uma surra em Lia Gabriel colocando o filho pequeno junto à mãe, mas Lia protege seu filho com o próprio corpo evitando que as cintadas lançadas pelo homem em fúria atinjam a criança.

O relato de Lia denuncia sua luta por mudar sua realidade e estilo de vida já que o marido agressor foi embora levando todos os pertences da família. Lia teve que se reerguer por ela e pelos filhos.

Lia, enquanto professora de matemática de uma escola pela manhã, mesmo banhada pela dor, tem a nítida consciência que a virada por dias melhores dependia dela e os filhos só tinham a ela para sobreviverem. Sai da escola onde dava aula e começa a ensinar em sua própria casa dia e noite. Já que precisava também de cuidar de sua prole: duas filhas e o filho Gabriel, trabalhar fora era inviável.

E foi nessa ocasião que tomei, sozinha, a diretriz de minha vida. Deixei a escola em que trabalhava pelas manhãs, como professora de matemática, e passei a dar aulas particulares em casa. De dia, tinha uma boa clientela, crianças e jovens. De noite, adultos que estavam se preparando para algum concurso. Trabalhar em casa foi a solução encontrada, e eu não tinha como pagar uma auxiliar para me ajudar a cuidar das crianças. (EVARISTO, 2016. p. 98)

Lia se mostra mulher resoluta e, por ser diferenciada, dominando outras ocupações, passa a consertar eletroeletrônicos quando monta uma oficina e assim quebra a lógica social relacionada às profissões majoritariamente ocupadas por homens. Lia é a primeira mulher da cidade a consertar eletrodomésticos e a ter uma oficina no área.

Percebe-se que o episódio de violência e desaparecimento do marido poderia ser a ruína da mãe, mas o que acontece é uma guinada na vida de Lia Gabriel, apesar de tudo de ruim que aconteceu. Lia não teve outra alternativa a não ser a de se reinventar em prol de sua família e seu eu mulher que jamais se deixa vencer sem lutar quando o assunto é a própria sobrevivência e daqueles que ama.

Portanto, a dor é marca da história de Lia Gabriel, mas o amor, o trabalho árduo e a resiliência são maiores no seu recomeçar e no refazer de sua família. Nada é maior que a força motriz de uma mulher insubmissa buscando sua sobrevivência e proteção àqueles que ama, de maneira que no final a vitória chega.

Durante muito tempo, enquanto as crianças eram pequenas, sobrevivemos das aulas que eu dava em casa, e do dinheiro da loja “Tudo tem conserto”. E tem. Consertei a minha vida, cuja mola estava enferrujando. Eu mesma imprimi novos movimentos aos meus dias. Fiz por mim e pelas crianças. (EVARISTO, 2016. p. 99)

Assim, pode-se concluir que Lia fez de suas agruras pedras de levante para reconstruir sua vida e a de seus filhos.

Chegada a décima primeira história de vida e a protagonista da vez é Rose Dusreis. Conceição Evaristo com sua maestria no ato da escrevivência, nos apresenta a personagem de maneira entusiasmada e empolgante, convidando-nos a escutar Dusreis. Em tal apresentação, Evaristo, com sua capacidade de mostrar a altivez feminina, traz a figura de Dusreis como uma mulher sedutora na arte da dança, atraindo a atenção de homens jovens e mais velhos, os quais disputavam um tempo de dança com a rainha da dança, Rose Dusreis.

Evaristo não deixa de trazer nas histórias contadas elementos da cultura afro como característica da negritude em resgate: fala do balé afro em meio a outras danças consideradas de prestígio e também traz personalidades negras como Nina Simone, além de lembrar de vozes negras americanas inconfundíveis cantando blues. Tais lembranças da cultura afro só mostram sua grandeza e importância dentro da sociedade e que precisam ser valorizadas como as demais.

Dusreis inicia sua história trazendo o preconceito muito comum na sociedade que se refere ao campo das artes, no caso da personagem, a dança, paixão da vida da personagem. A família não lhe oferecia apoio por não vislumbrar na dança um retorno financeiro imediato que garantisse a sobrevivência. O pensamento da família de baixo poder aquisitivo ronda o instinto de sobrevivência, a urgência de ter o que comer, a dança não era a prática que geraria o alimento, logo o sentimento de desprezo ou descarte da ocupação como meio de sobrevivência. Sobre o amor dela à dança e o desprezo dado pela mãe, Dusreis dialoga com Evaristo:

- Eu nasci com o pendor da dança, embora para a minha família, isso não significasse nada – me disse Rose Dusreis – quando, já assentadas no chão, depois da nossa dança iniciática, as nossas imagens, refletidas nos espelhos que nos circundavam, pareciam nos contemplar. Dançar não nos oferecia nenhum sustento para a sobrevivência. - continuou ela – não comemos dança, dizia minha mãe, toda vez que eu chegava da escola, encantada com o ensaio de balé a que eu assistia lá. (EVARISTO, 2016. p. 107-108)

No relato de Rose Dusreis aparece também elementos que denunciam a desigualdade social quando ela diz que na escola havia um grupo de balé ao qual ela, as irmãs e as colegas pobres não tinha acesso, pois era um curso particular e funcionava no salão da escola pública. Outra desigualdade narrada fica ancorada ao campo pedagógico: a professora Atília Bessa, que ensinava música na escola era a mesma que conduzia o grupo de balé particular, mas o tratamento dado aos aprendizes dos dois componentes era diferente:

Durante as aulas de música para crianças, no geral, essa professora era temida por sua severidade. Ai de quem desafinasse ou se distraísse por qualquer motivo durante os ensaios do coro; entretanto nas aulas de balé, dadas fora do horário escolar, para um grupo específico de meninas, Atília Bessa era só gentileza, só candura. (EVARISTO, 2016. p. 108-109)

Temos atos velados de racismo e segregação contra Rose Dusreis quando a professora Atília Bessa nega a entrada de Dusreis no grupo de balé afirmando que a mesma não tem tipo físico adequado à prática de balé. Vale salientar que Dusreis oferece à professora como pagamento pelas aulas de balé os serviços de lavagem de roupa a serem prestados por sua mãe, serviços estes que em Dusreis gerava sentimento de orgulho e valorização, mas que para a professora não tinha tanto valor. Talvez a forma de pagamento tenha sido mais um fator de negativa da menina negra e pobre fazer parte do balé.

Evaristo ao recontar a história de Rose Dusreis trazendo os fatos citados, apresenta uma valorização de uma das profissões mais antigas no Brasil que é a de lavadeira, ocupação que vem dos tempos da escravidão quando mulheres negras lavavam roupas de ganho para manterem suas famílias e como renda para compra de liberdade. Assim, quando a personagem diz que tem orgulho da profissão da mãe e coloca tais serviços como forma de pagamento de um curso de dança renomado pode *a priori* passar uma ideia de inocência da criança, porém, olhando por outro viés, o que se tem é a consciência da personagem sobre o valor do suor de sua mãe, colocando a profissão em pé de igualdade com qualquer outra, mesmo sendo de baixa valorização social e econômica.

Nota-se que a narrativa de Rose Dusreis é cercada de dificuldades desde sempre, seja no ceio da família até o sistema educativo excludente refletindo a sociedade da época. Assim, ainda na escola, a personagem enfrenta outra situação de preconceito, racismo e segregação: foi convidada para fazer o papel de uma boneca preta que dançava e cantava em uma festa de encerramento, mas por motivos não ditos, mas imagináveis, Rose Dusreis foi substituída, às vésperas da apresentação, por uma menina branca que se pintou de preto para assumir o papel de boneca preta que Rose já era e que durante os ensaios da apresentação havia ganhado muitos elogios e atenção de toda a escola provocando o esvaziamento de plateia nos ensaios de balé da famosa professora Atília Bessa, de modo que esta também foi conferir o sucesso da menina boneca preta que dançava majestosamente.

Esses acontecimentos tristes não diminuíram a vontade de vencer de Rose Dusreis, que afirma:

Mas nem as dores, as violências sofridas nessa época de infância, cuja compreensão me fugia, tiveram a força de me fazer desistir. A cada dificuldade que me era apresentada, a minha determinação crescia, apesar de... E, se Atília Bessa não me aceitou, outros caminhos se abriam em minha direção. (EVARISTO, 2016. p. 110)

A citação acima apresenta a mulher resiliente que Rose Dusreis foi e também sua determinação desde pequena em ser o que desejava e não ficar no lugar que outrem determinava para ela. Os sonhos dela não conseguiram abortar, ou melhor, ela não permitiu que abortassem seus sonhos.

Aparece na narrativa de Rose mais uma vez a força feminina diante da dificuldade. Agora o foco é sua mãe que teve que trabalhar dobrado para sustentar a si e cinco filhas depois que o companheiro dela morreu. Valendo-se do ofício de lavadeira e também do plantio de horta no fundo do quintal mais criação de galinhas, a mãe de Rose buscou garantir a sobrevivência da família.

Historicamente a família de Rose Dusreis representa a grande parcela da população empobrecida que passa por grandes privações para se manter viva até mesmo com o distanciamento entre os membros da família. Em Rose Dusreis acontece a separação das irmãs para diminuir as dificuldades de sobrevivência e abre espaço para o sofrimento causado pela separação familiar, separação que acontece depois que a mãe de Rose é aconselhada por uma patroa a colocar a filha mais velha para trabalhar como babá. Em seguida é a vez de Rose partir para morar no colégio religioso das irmãs “Amadas do Calvário de Jesus”, voltado a oferecer educação para meninas de famílias abastadas, local que Rose tem educação, mas era obrigada a trabalhar duramente com outras meninas pobres acordando cedo para ajudar no preparo do café das meninas ricas. Eis a maior finalidade do acolhimento das meninas pobres na instituição: servir às meninas ricas em troca de moradia e estudo. É um processo exploratório velado e maquiado de caridade aos que precisam.

Aprendi todos os afazeres de uma casa, cozinhar, lavar, passar, arrumar. Descobri, com o tempo, que as irmãs vindas de famílias pobres eram as operárias, as domésticas, as agricultoras, enfim, as trabalhadoras exploradas da instituição, e nós, as meninas sem posses alguma, éramos as suas auxiliares. Mas foi com professores religiosos e leigos, sob os cuidados das irmãs “Amadas do Calvário de Jesus”, que tive uma educação, como se fosse uma jovem rica da época. Canto e balé clássico fazem parte do meu currículo. (EVARISTO, 2016. p. 113)

O poder ancestral de se refazer que tem a mulher negra se fez presente na vida de Rose Dusreis e suas irmãs: Rose tornou-se uma grande professora de dança; Adiná a mais velha partindo do ofício de babá, do trato com crianças, estudou a noite e conquistou o diploma de professora; Penha e Fátima de empregadas domésticas e a partir de economias guardadas

abriram o hotel “Rosas mil” tornando-se empresárias; Apenas Nininha, a mais nova, não teve continuidade na vida, pois veio a falecer aos vinte e um anos de idade vítima de uma anemia repentina. Assim, a narrativa de Rose Dusreis é acima de tudo uma história de superação e insubmissão de mulheres de um sistema social segregador.

Saura Benevides Amarantino, eis o título da penúltima história apresentada por Evaristo. Saura é uma mulher negra que no auge de seus dezesseis anos, idade de afloramento dos hormônios e desejos, engravida e gera uma filha. Vivendo em uma sociedade cheia de tabus, na qual acontecendo de uma menina engravidar necessariamente teria que casar em nome da honra da família, Saura, dona de suas vontades, não aceita tal padronização social e de maneira insubmissa decide junto com o namorado que este deveria fugir para evitar a obrigação ditada pela sociedade, já que não era desejo dos dois. Assim, o jovem pai de sua filha Idália ainda na barriga foge, o que frustra a determinação familiar e causa repúdio da mesma à atitude da jovem mãe.

A minha barriga não completava os quatro meses. Mas era tanto carinho que eu já sentia pela criança guardada em mim e escondida para várias pessoas da família, que liberei o pai menino para uma fuga, de que só nós dois sabíamos. Quando tudo aconteceu, as nossas famílias logo perceberam que eu também não queria me casar. A minha clama diante do fato, que revoltava a todos, me traiu. Meu pai na ocasião quis (*sic*) me expulsar de casa, mas minha mãe impediu. (EVARISTO, 2016. p. 118)

A jovem mãe tem em sua mãe uma aliada para combater o machismo e autoritarismo do pai em casa. A união e proteção entre mulheres se faz presente e eficaz diante da ação de hostilidade causada pela figura paterna.

Quando Evaristo apresenta a protagonista do conto, logo deixa explícito o despreendimento desta pelas regras sociais. Tal personagem, Saura, apresenta-se como mãe de três crianças, mas apenas de duas tem amor e afeto. Pela caçula nada sente de afetividade e sim de muito ódio já que essa, de acordo com a narrativa, representa uma agressão às lembranças de amor que Saura guardava de seu segundo relacionamento com o pai de seu segundo filho, este desejado e amado pelo pai e pela mãe.

A segunda gravidez, a de Maurino, foi a do filho desejado por mim e pelo Amarantino. A terceira, a última, foi uma gravidez que se intrometeu na lembrança mais significativa que eu queria guardar. A imagem da última dança do corpo de Amarantino sobre mim, poucos antes dele adoecer. A enjeitada gravidez comprovava que outro corpo havia dançado sobre o meu, rasurando uma imagem que, até aquele momento, me parecia tão nítida. E, desde então, odiei a criança que eu guardava em mim. (EVARISTO, 2016. p. 121)

O conto de Saura traz em si o poder de escolha do indivíduo a respeito do seu estar no mundo. A narrativa parece ser crucial a respeito da negativa do nascimento da filha caçula que modifica o estado amoroso que Saura não desejava alterar que seu companheiro ao falecer deixou, um companheiro que diferente de outros homens, assumiu a filha Idália como se sua fosse biologicamente, dando-lhe seu sobrenome. Por fim, amou Saura de maneira incomum dando-lhe um filho, o menino Maurino Amarantino.

Portanto, a filha caçula, não nomeada, além de trazer a lembrança amorosa guardada por Saura de seu amor Amarantino, nasceu com as características de seu pai, diferente da aparência da família negra de Saura, aspecto que ainda mais aumentou a falta de pertencimento que Saura tinha em relação à filha indesejada. Assim, a caçula, em um ato para muitos desumano, foi entregue ao pai, o qual tinha grande afeição por sua filha. Este desfecho de entrega de um filho pode gerar revolta no leitor, mas na narrativa fica demonstrado o sofrimento de Saura diante da perda do marido com o qual estava vivendo uma vida afetivamente sólida, de maneira que a chegada da filha, fruto de uma relação passageira, feriu esse estado de perfeição que a mãe viúva criou e passou a viver. Indiretamente a narrativa demonstra que o ato de julgar é perigoso, pois, mesmo sabendo-se da inocência da filha caçula, as dores dos outros não podem ser mensuradas por quem não as sente.

Finalizando o conto, Evaristo com sua maneira única em contar histórias e ou inventá-las, como ela mesma gosta de afirmar, nos apresenta, por meio de uma voz ficcional que é a narradora da história, a fala de Saura já avó de Dorvie, filha de Idália, contando um episódio ocorrido durante um passeio na praça. Em um ato de comoção, Saura, vista por muitos como uma mãe sem amor e sem emoção, fica comovida com a ação de uma mulher que não trata o filho bem após o mesmo cair e derrubar o saco de pipocas que carregava. Com a queda o garoto encontra na mãe uma ação violenta, pois a mesma levanta o infante pelos cabelos e ainda o recrimina pela queda sofrida quando o acalento e proteção seriam o mais ideal e esperado. O menino encontra conforto com Dorvie que oferece um saquinho novo de pipocas e a criança pega e segue seu destino com a mãe, assim como Saura e a neta o seu caminho. Teria o destino promovido o reencontro entre filha caçula renegada e sua mãe? As crianças simbolizam uma futura aliança e aproximação familiar? A narrativa não apresenta elementos de respostas para essas inquietudes de leitor, mas leva a exercitar a imaginação e prospectar resposta enquanto leitores.

Para finalizar nossa abordagem sobre o livro de Conceição Evaristo, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, vamos ao último conto que o compõe: a história de Regina Anastácia. Nesta narrativa nota-se maior cumplicidade e identificação entre a voz ficcional da escritora e

a história de Regina Anastácia. Acontece uma mescla entre as vidas pessoal e familiar das duas mulheres negras num movimento de complemento e paralelismo em certo grau.

O texto é iniciado com a identificação da rainha, que é como a narradora chama Regina Anastácia, quando lembra de algumas celebridades negras da história que têm seus nomes gravados no templo da resistência, luta e liderança do povo negro. São nomes de mulheres líderes e intelectuais nas diversas áreas sociais que surgem na lembrança quando Regina Anastácia se apresenta. Assim a personagem é anunciada:

Regina Anastácia se anunciava, anunciando a presença de Rainha Anastácia frente a frente comigo. Lembranças de outras me vieram à mente: Mãe Menininha de Gantois, Mãe Meninazinha D'Oxum, as rainhas de congadas, realezas que descobri, na minha infância, em Minas, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Lia de Itamaracá, Léa Garcia, Ruth de Souza, a senhora Laurinha Natividade, a professora Efigênia Carlos, Dona Iraci Graciano Fidélis, Toni Morriison, Nina Simone... E ainda várias mulheres, minhas irmãs do outro lado do Atlântico, que vi em Moçambique e no Senegal, pelas cidades e pelas aldeias. Mais outras e mais outras. Repito: Regina Anastácia se anunciava, anunciando a presença de Rainha Anastácia frente a frente comigo. (EVARISTO, 2016. p. 127)

Dessa forma, Conceição vai tecendo suas palavras, apresentado Regina e sua narrativa. Regina possui uma família numerosa que vai além da composição de pai, mãe e filhos, uma família que conta também com primos/as, tias/os. Uma família emigrante em busca de melhorias de vida, uma prática bem conhecida por grande parte da população brasileira:

Regina Anastácia, com a sua família, composta de mãe, pai, irmãs e irmãos, tias, tios, primas, primos, nos anos 20, emigrou do lugarejo em que vivia para Rios Fundos. Ali não era a sede do estado, mas tanto quanto a capital, a cidade era tida como uma esperança de melhoria de vida, para quem se dispunha a deixar seu local de origem. (EVARISTO, 2016. p. 128)

A narrativa acontece na cidade de Rios Fundos, lugar dominado por uma família latifundiária, a dos D'Antanhos. A história resgata o debate sobre o grande latifúndio no Brasil, desigualdade social, a exploração humana em trabalhos análogos à escravidão e o controle social, político e econômico por um clã familiar que em nome do poder e do dinheiro tudo faz. Mas também apresenta o grupo de luta e resistência e é neste que entra a família da protagonista Regina Anastácia, especialmente com a figura de sua mãe, Saíba, que foi a única que jamais aceitou a submissão à família D'Antanho. Com as próprias forças de trabalho, herança e sabedoria dos antepassados africanos, desenvolveu forma de subsistência própria e direcionou a vida dos seus com sua força feminina:

Duas de minhas tias, assim que chegaram à cidade, foram chamadas para cozinhar na casa de Geraldo Duque D'Antanho. E, para minha mãe, famosa pelos seus doces e pães, foi oferecida uma vaga na cozinha da maior padaria dos Antanhos. Ela não quis, para a surpresa de nossa família. Meu pai achou que ela devia aceitar e ponderou que dificilmente as pessoas iam deixar de comprar pães e doces na padaria dos patrões, para vir comprar em nossa casa, como acontecia no lugarejo em que anteriormente morávamos. Minha mãe nem se assustou. Enquanto isso, minhas tias, que, até então, moravam conosco no mesmo terreno, passaram a dormir no emprego, na casa dos D'Antanhos. (EVARISTO, 2016. p. 131)

Aparece no conto a divisão de Rios Fundos: cidade fechada, parte da cidade na qual moravam os D'Antanhos e a cidade aberta onde moravam os demais habitantes. Tal divisão pode nos levar à interpretação de que a cidade fechada simboliza a ideia do atraso social e conservação de pensamento baseado na exploração humana por uma elite soberba e usurpadora de sonhos. Já a cidade aberta simboliza a liberdade do povo, o lugar onde todos são bem-vindos e tratados como iguais, enquanto irmãos e irmãs de luta. A cidade aberta leva-se a crer que foi como um quilombo, símbolo de resistência negra.

Carregada de simbolismo afro, a narrativa apresenta o povo negro e seu resgate da história do povo negro, da cultura e das festas. Ganha foco o então clube chamado “Antes do sol de pôr”, que antigamente era uma velha tapera onde muitos negros reunidos (africanos e seus descendentes) cantavam e dançavam, como registra Evaristo. Acreditamos que tal espaço de encontro era um refúgio de resistência. Em tal espaço narra-se que havia uma capela na qual aconteciam rezas. Assim, o que se percebe é que havia uma mistura do sagrado com o profano, já que no terreiro desse espaço aconteciam festas e danças.

De acordo com o que contavam os mais antigos da cidade, a origem do clube remontava aos tempos da escravidão. Dizem que ali, havia uma velha casa de tapera, bem no vão da estrada, que se abria em três direções. No lugar alguns africanos e seus descendentes, ainda escravizados, se reuniam dançando e cantando. No premeditado folguedo se despistavam da vigilância dos senhores, enquanto organizavam fugas do cativeiro. Tais encontros aconteciam aos domingos e dias santificados, pois os fazendeiros, muito católico, normalmente liberavam os escravos nesses dias. Cantavam e dançavam desde o amanhecer do dia até “Antes do sol se pôr”. (EVARISTO, 2016. p. 129)

Quando a narradora faz referência a Regina Anastácia, sempre a trata como rainha, demonstrando respeito à idade da protagonista (91 anos) e toda sua bagagem de saberes construídos ao longo da vida. Apresenta-se aí uma valorização da pessoa idosa e seu legado construído com dor, suor, muita perseverança e desejo de transformação pessoal e coletiva.

Voltando, especificamente à história de Anastácia, a mesma se dá a partir de um laço amoroso entre Jorge D'Antanho, neto do duque D'Antanho, e Regina Anastácia, mulher negra e pobre. Um amor proibido segundo a lógica da poderosa família D'Antanho, mas que com

determinação e abdicação material por parte do moço, consegue prosperar, daí surgindo uma família aguerrida que transformou a cidade aberta em uma nova oportunidade de vida para os seus e outros que foram chegando.

A mãe de Anastácia, a senhora Saíba, é uma figura crucial na narrativa, pois simboliza a ancestralidade feminina, a mulher visionária que forja o próprio destino e conseqüentemente o destino dos seus. Saíba rejeita trabalhar para família D'Antanho e, através da força criativa e da habilidade familiar na arte culinária, ela monta a própria quitanda junto com a filha Regina Anastácia, incentivando-a a ser desde cedo dona de si. Mais tarde o negócio prospera e vira uma padaria. Esse episódio ilustra bem o poder que a união tem em promover o desenvolvimento familiar com as próprias mãos, pelos saberes passados de geração em geração. No caso de Saíba, o conhecimento residiu no domínio da arte de cozinhar.

Assim, nos conta Regina Anastácia a resistência e o progresso de sua mãe Saíba, mulher de ancestralidade forte:

Contrariando o desejo de meu pai, que achava mais seguro se minha mãe fosse trabalhar na fábrica de doces ou em uma das padarias do pessoal D'Antanho, ela continuou trabalhando por conta própria. Soubemos que isso foi alvo de deboche. Nem o pessoal da cidade fechada, nem as pessoas da cidade aberta acreditavam que alguém pudesse sobreviver fora do poderio dantanhense. Mas a força de minha mãe vinha do pessoal de outrora, principalmente das mulheres desde lá. E, feito galinha que, de grão em grão se sacia, a velha Saíba se fez. Além das entregas, todas as tardes, na frente da nossa casa, armávamos um tabuleiro, que ficava sempre e mais rodeado de fregueses. Um dia, ela pediu ao meu pai que erguesse uma pequena tendinha para ela, queria ter um balcão para colocar seus cestos. Ele atendeu ao pedido. Um ano depois, na parte de cima da porta da tendinha toda pintada de amarelo, aparecia escrito: "Saíba e Anastácia" e, no meio da porta, uma frase completava os nomes escritos em cima: "a arte própria de alimentar através do tempo". (EVARISTO, 2016. p. 134-135)

Regina Anastácia teve na mãe uma grande professora das questões da vida, que à sua maneira deu uma educação plural para sua filha. Uma passagem interessante que remonta o trabalho de educação familiar é quando Saíba chama sua filha para falar-lhe sobre práticas de abusos cometidos contra mulheres negras por homens brancos, os quais no tempo da escravidão iniciavam suas experiências sexuais abusando de mulheres negras escravizadas, usando-as como objetos sexuais de maneira forçada. Tais práticas, mesmo com o passar do tempo, ainda era uma prática tida como normal entre os homens. Essa conversa nasce depois que, em uma das visitas de Jorge D'Antanho à tendinha, este demonstra interesse afetivo por Regina Anastácia, quando sua mãe percebe as intenções do jovem rico:

[...] Ele me olhou fixamente como fazia às vezes e me disse que eu tinha o sorriso mais lindo que ele já tinha visto. Nesse momento, minha mãe entrou na tendinha. Jorge D'Antanho fez um leve aceno de cabeça e saiu. Dessa vez foi o olhar de minha mãe que se fixou sobre mim, severamente, como quando eu era pequena e fazia alguma coisa errada perto de alguém, de modo que ela não pudesse me chamar a atenção na hora. E, para meu sofrimento, mamãe Saíba me disse que, depois que ela desse a janta ao meu pai e que ele fosse para o quarto, ela queria falar comigo. Eu já sabia sobre o que e avalei os sofrimentos da guerra. Mais tarde, sentamos as duas na porta da tendinha. Ela, que não era de muitos abraços e de muito tocar, segurou umas de minhas mãos entre as delas e teve comigo uma conversa, revelando toda a sua preocupação. Ela havia notado o interesse do moço D'Antanho por mim e sabia o que aquilo significava. Os moços brancos, incentivados pelas famílias, conservam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e das mulheres que trabalhavam em suas casas. Só que o tempo havia mudado. O mais comum agora era a sedução. (EVARISTO, 2016. p. 136-137)

É um momento de integração afetuosa entre mãe e filha em alto grau de proteção e cuidado entre mulheres que sabem de suas dores como ninguém. Assim, num movimento protetivo, as mais velhas buscam aconselhar as mais novas.

O amor de Regina Anastácia e Jorge D'Antanho, contudo, foi verdadeiro. Causou revolta na família de Jorge D'Antanho, que o tirou do testamento, mas o mesmo teve acolhimento na família de Regina Anastácia e na cidade aberta, onde veio morar. Nos narra Regina Anastácia o final de sua história:

Jorge veio morar em nossa casa, na cidade aberta. Enquanto eu ficava em casa, fazendo os quitutes com minha mãe, Jorge dava aulas das primeiras letras nas cidades vizinhas, ajudava os farmacêuticos de outras cidades a preparar remédios. Uns tempos depois, conseguimos alugar uma casinha só para nós dois. Eu continuava trabalhando nos negócios com minha mãe. A tendinha crescia e, com muito trabalho, fomos fazendo dela uma padaria. [...] Jorge D'Antanho nunca mais procurou alguém da família dele e nunca foi procurado. Ele sentia pela mãe, que não teve coragem de enfrentar o velho Duque D'Antanho e sua mulher, senhora Laura D'Antanho. A minha família passou a ser a de Jorge, depois de momentos de desconfiança de muitos dos meus. Tivemos cinco filhos e todos nasceram antes do sol se pôr. Três meninas e dois meninos. (EVARISTO, 2016. p. 139)

Em suma, podemos dizer que a história de Regina Anastácia traz ao debate a luta de classe, questões de racismo, desigualdade social, exploração humana, mas acima de tudo a luta e a resistência da mulher negra insubmissa, seu poder de transformação social, sua governabilidade familiar através dos laços afetivos entre pessoas, além de trazer elementos ancestrais que regatam a luta do povo negro desde os tempos de escravidão, evidenciando sua resiliência e a escrita de sua própria história.

4.2 OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*

Após apresentar os treze contos presentes em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, ainda precisamos fazer algumas considerações a respeito das intenções da escritora Conceição Evaristo com o citado livro. Considerações estas a partir de impressões que nos parecem relevantes após a leitura do livro, para que demonstremos um olhar mais crítico sobre a escritora especificamente.

Já falamos quem é Evaristo e sobre seu modo peculiar de escrever, guiando-se pela escrevivência que tanto a move e virou a marca de sua escrita, seu estilo. No livro citado, a escrevivência é algo latente e que deixa o leitor totalmente próximo ao que está sendo narrado e com a sensação de está no meio da trama narrada.

Evaristo, mulher negra, faz literatura negra sobre negros/as e se coloca como parte da história que está sendo narrada, pois o que está em jogo é o processo de identificação e empatia. A autora se propõe a recontar histórias de mulheres negras dando a estas oportunidades para que elas sejam as próprias protagonistas e narradoras de suas vivências. Ao recontar tais histórias através da escrevivência, promovendo a valorização cultural do povo negro que historicamente não teve espaço para se expressar pela literatura, a escritora está rompendo com uma lógica do silenciamento de grupos tidos como menores dentro da história, pois, mesmo quando são representados, aparecem com uma imagem estigmatizada.

A escritora faz uso da sororidade negra para ouvir, por meio da narradora que ela cria, mulheres negras iguais a ela sem com isso ter a pretensão de julgá-las sob qualquer viés, pois o importante e também objetivo da fala e escuta entre iguais é romper o silêncio e apagamentos históricos de determinados grupos da sociedade tão importantes como qualquer outra pessoa ou grupo privilegiado seja econômica, social ou politicamente. Evaristo promove um movimento de resgate da negritude e a valorização ancestral de todos nós, homens e mulheres negros, lançando-nos aos lugares privilegiados da sociedade através da literatura.

Cada história traz em si um pouco de muitas outras pessoas que por várias circunstâncias não tiveram a oportunidade de falar sobre si, suas dores, mas acima de tudo contarem suas vitórias, de escreverem suas histórias. Evaristo, quando se propõe a ouvir mulheres, suas histórias, dando-lhes espaço, palco para serem as agentes da narrativa, não faz um trabalho de escuta apenas de uma pessoa, mas de todas as que fazem parte do passado daquela que está sendo ouvida. No ato de escutar e recontar histórias negras, Evaristo regata elementos que fazem parte da cultura do povo negro, de maneira que ocorre uma exaltação

justa e necessária das características do povo negro que ao longo da história foram invisibilizadas ou desvalorizadas como uma cultura menor.

Ao longo do livro aparecem mulheres que disseram não à opressão, aos ditames de certos costumes ou cultura contra a mulher com o intuito de torná-la submissa à sociedade de cunho patriarcal e machista que a todo custo buscou subalternizar negros e negras, impondo a elas e eles a alcunha de seres menores ou inferiores.

Podemos dizer que *Insubmissas lágrimas de mulheres* é uma narrativa que se enquadra no conceito de literatura negra não só pelo fato de ter sido escrita por uma intelectual negra, mas por trazer em sua constituição elementos de resgate da cultura do povo negro e sua ancestralidade africana, um resgate cultural de um povo com ressignificação e dado a devida importância e valor de contribuição na formação da humanidade. Evaristo faz essa reivindicação identitária negra através dos elementos textuais que já foram brevemente comentados na análise de seus contos. Assim, não é apenas sua condição de mulher negra que faz de sua obra literatura negra. Como nos diz Zilá Bernd (2018), em estudo sobre negritude e literatura na América Latina, quando cita outros pesquisadores, conceituar literatura negra pelo critério da cor da pele do autor é cientificamente falso e ideologicamente negativo:

Esta epidermização da questão feita por alguns críticos nos parece inoperante por não haver nenhuma relação entre o fato de se pertencer a uma determinada etnia e a estruturação da sensibilidade. Por isso optamos por outro critério para definir literatura *negra*.

Partir da evidência textual nos parece ser o caminho que assegurará um maior rigor científico à análise da questão. Assim, poderão ser considerados como literatura negra aqueles textos em que houver um *eu* enunciador que se quer negro, que reivindica a sua especificidade negra. (Zilá Bernd, 2018. p. 21)

Evaristo em seus escritos traz a negritude com latência em colocar o negro como protagonista nas diversas esferas da sociedade, ocupando lugares de poder e destaque para, desta forma, naturalizar a presença negra como a de qualquer outro indivíduo não negro. Essa postura da escritora em colocar nós negros como protagonistas faz de suas palavras e obras formas de resistência e lutas contra o racismo presente na sociedade e que é fruto da escravidão com marcas que perduram ao longo dos tempos. Portanto, uma obra literária como *Insubmissas lágrimas de mulheres* faz parte de uma produção diferenciada de combate ao racismo, ao sexismo e outros preconceitos que ainda perduram entre nós. Quando mulheres negras têm espaço para falar de sua condição, elevando elementos de sua cultura, resgatando a dignidade de seu povo através de uma história que é pessoal e coletiva ao mesmo tempo, podemos dizer que um passo de reparação à injustiça social foi dado. Que venham outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho chega em sua etapa de finalização com o sentimento de que muitos aspectos ainda precisam ser estudados e analisados, mas até aqui ficamos na expectativa de continuar a pesquisa e melhor desenvolver a temática futuramente. Agora só nos resta tecer alguns comentários que contemplem a finalização de análise da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, que nos propusemos estudar.

Com tal pesquisa percebemos que a parcela maior da população brasileira, que é negra, não é representada nos papéis de protagonistas, e, quando aparece um negro, este geralmente está figurado em tipo marginalizado da sociedade, ocupante de profissão sem valorização social e salarial. A pesquisa mostra que a maioria das personagens dos romances são pessoas brancas que assumem papéis de comando e ainda são homens. Os negros e mulheres ficam com papéis considerados menores: prostitutas, ladrões, empregadas domésticas e sem terem voz ativa de representação.

Diante disso, podemos dizer que no Brasil há um problema grave de representação à medida que a sociedade não tem ou não dá as mesmas oportunidades de voz aos seus entes; Existem lugares de fala silenciados e a literatura que deveria ser instrumento democrático e de alcance para todos acaba muitas vezes sendo mais um meio reprodutor de desigualdades históricas e também silenciador de vozes tidas como menores.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, através da escuta atenta e despreziosa de julgamentos, a narradora de Conceição Evaristo reconta histórias de mulheres que com sua força ancestral transformaram as próprias vidas e jamais foram submissas às mazelas sociais. Não queremos afirmar com isso que o sofrimento não foi sentido, que as cicatrizes não foram criadas, sim, tudo de ruim foi vivido, as marcas históricas ainda existem e persistem, ainda doem, mas o que se tem de maior nestas narrativas é a insubmissão, a resistência apesar dos pesares, é a busca do sim negado e aviltado por parte de determinados grupos economicamente dominantes que usurparam sonhos ou parte deles, porém não conseguiram tirar a esperança e a força ancestral de um povo, o povo negro, representado aqui especificamente pelas mulheres negras tão marginalizadas ao longo dos tempos.

A obra analisada nos apresenta novas perspectivas e é um instrumento de regate da negritude, de seu valor e de sua capacidade de refazimento. Trata-se de uma literatura de resistência, na qual a mulher, protagonista de sua história, tem seu lugar de fala respeitado, tem palco e microfone para ecoar sua voz e se fazer ouvida. Evaristo, enquanto mulher negra, serve de meio para que outras mulheres negras tenham espaço e vez de falar, pois a escritora

entende que não pode falar por suas iguais, mas pode sim ser uma facilitadora para que essas vozes silenciadas ao longo da história possam ecoar.

Portanto, *Insubmissas lágrimas de mulheres* se apresenta como uma obra literária de resistência, um conjunto de vozes ancestrais antes negadas, mas que têm a oportunidade de se fazerem ouvidas e assim ecoarem sonhos, revoltas, lutas, vitórias etc. É uma literatura que faz um resgate cultural do povo negro quando apresenta conhecimentos e saberes nossos praticados ainda em solo africano antes do rapto colonial. Embora a humanidade tenha dado um salto de civilidade e respeito às diferenças, ainda hoje a exploração humana acontece, só ganhando outras particularidades nas suas formas de acontecer.

Por fim, acreditamos que com o livro de Evaristo, fruto de sua escuta sensível, insubmissa, de sua escrevivência, inaugura-se um movimento de libertação de todos nós. Com tal livro vislumbramos novos horizontes, novos caminhos, novos olhares e outra consciência de sermos e estarmos no mundo. Assim vamos nos libertando e promovendo a libertação de tantos outros que carregamos em nós. Como diria Tio Tatão, personagem de Conceição Evaristo em *Becos da memória*:

- Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2017. p. 111)

Concordando com as palavras acima, finalizamos por hora, entendendo que este trabalho é parte do processo de libertação própria e de muitos e muitas que trazemos em nós, que nos antecederam, que permanecem em nós e que não tiveram oportunidade de fala, mas que através de nós, por nós, ganham vida, gritam seus anseios, de maneira que nós, insubmissos, libertamo-nos em comunhão.

Referências

- ALMEIDA, Sandra R. Goulart de. Prefácio – Apresentando Spivak. In: SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. 264 p. (Feminismos Plurais/Coordenação de Djamila Ribeiro);
- BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: CirKula, 2018. 175 p.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. - São Paulo: Selo Negro, 2011. - (Consciência em debate/coordenadora Vera Lúcia Benedito);
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Organizadoras Regina Dalcastagnè e Virgínia Maria Vasconcelos. Porto Alegre – RS: Zouk, 2015.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**. Revista Iberic@1 - Número 2, 2012;
- DALCASTAGNÈ, R. (2021). **Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: Alterações e continuidades**. *Letras De Hoje*, 56(1), e40429. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.1.40429>
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016;
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. --Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2.ed. - Rio de Janeiro: Malês, 2016. 142p.; 21 cm;
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016;
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. - Rio de Janeiro: Malês, 2017.
- GOMES, Francimária Ribeiro., & Rosa, Laila. **Os processos de protagonismo de mulheres negras no Recôncavo da Bahia: O Samba de Roda como mediador das relações cotidianas**.2Revista Olhares Sociais / PPGCS / UFRB, Vol. 03. Nº. 02 – 2014/ pág. 86;
- Lei 10.639/03**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acessado em: 23 de agosto de 2021;
- PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. - (Repensando a História);

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. 112p. (Feminismos Plurais/ Coordenação de Djamila Ribeiro);

SANTOS, G. R.. **O não-lugar da mulher negra na sociedade brasileira: em busca de nova perspectiva**. IN: V Encontro Latino Americano de Pós-graduação; IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, 2005;

SANTOS, Tainá Silva. **Poderia a história do Brasil ser contada a partir da trajetória das mulheres negras?** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poderia-a-historia-do-brasil-ser-contada-a-partir-da-trajetoria-das-mulheres-negras/>. Acessado em: 19 de agosto de 2021;

STEVENS, C., & Vasconcelos, V. (2013). **Mães de outras cores: matrifocalidade na literatura afro-brasileira de autoria feminina**. *Revista Cerrados*, 20(32). Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25968>. Acessado em: 23 de agosto de 2021;